



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento –
ICPD

LÍGIA FERNANDA GUIMARÃES PIMENTEL

**COESÃO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NO DISCURSO
DE POSSE DO PRESIDENTE LULA**

BRASÍLIA

2005

LÍGIA FERNANDA GUIMARÃES PIMENTEL

**COESÃO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NO DISCURSO
DE POSSE DO PRESIDENTE LULA**

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de pós-graduação em Língua Portuguesa do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, sob a orientação da prof. Maria Christina Diniz Leal.

BRASÍLIA

2005

RESUMO

Este trabalho analisa os elementos coesivos do discurso de posse proferido pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no parlatório, em 1º de janeiro de 2003. A escolha do corpus deve-se ao fato de marcar um importante momento histórico da vida política do País, pois Lula, primeiro representante da Esquerda eleito pelo povo, interrompe a hegemonia da Direita no poder. O objetivo desta monografia é demonstrar a importância do estudo dos componentes da superfície textual para compreensão do sentido construído pelo autor e, portanto, para melhor interpretação do texto. A teoria social do discurso, de Norman Fairclough (2001), é apresentada, incluindo-se algumas considerações mais recentes sobre a Análise do Discurso Crítica, de acordo com Chouliaraki e Fairclough (1999). Após um breve histórico sobre lingüística textual, discorro sobre as teorias a respeito de coesão de Beaugrande & Dressler (1983), Halliday & Hasan (1976) e Ingedore Koch (2004a). Tornando evidente o papel da coesão na orientação argumentativa dos enunciados e sua influência ideológica, o tema da argumentação foi desenvolvido seguindo as considerações de Abreu (2003), Koch (2002) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996). A orientação metodológica baseia-se no modelo de análise dos itens coesivos, proposto por mim, que engloba quatro categorias – referência anafórica ou catafórica, coesão lexical, conexão e elipse –, aliado ao arcabouço teórico da Análise do Discurso Crítica. Após minuciosa análise do discurso de Lula, pude concluir que a busca de relações entre palavras e frases, a função retórica dos recursos coesivos e a compreensão dos implícitos e de sua relação com o contexto sócio-histórico são fundamentais para se fazer uma interpretação profunda e crítica de um texto.

Palavras-chave:

Coesão, argumentação, lingüística textual, teoria social do discurso, análise do discurso crítica.

ABSTRACT

This monograph analyzes the cohesive elements along the ownership discourse pronounced by the president Luiz Inacio Lula da Silva, in January 1st, 2003. This corpus is chosen once it is a really important historic fact on the politics of Brazil. That is because Lula was the first left representative elected by the people who interrupts the right's hegemony in the power. This monograph objective is to demonstrate how important is the study of the textual superficial components to better comprehend the sense created by the author; therefore, to a better interpretation of the text. The social discourse theory, from Norman Fairclough (2001), is presented including some recent considerations about Critical Discourse Analysis, by Chouliaraki & Fairclough (1999). After a brief history about text linguistics, it approaches about theories that talk about cohesion, from Beaugrande & Dressler (1983), Halliday & Hasan (1976) and Ingedore Koch (2004a). The argumentation subject was developed based on considerations from Abreu (2003), Koch (2002) and Perelman and Olbrechts-Tyteca (1996). By this way, it became evident how important is the cohesion at the statements' argued orientation and its ideological influence. The metodologic orientation proposed by me is based on cohesive itens analysis' models. Moreover, it involves four categories - anaphoric or cataphoric reference, lexical cohesion, connection and ellipsis – allied with the framework of the Critical Discourse Analysis. Finally, after a detailed analysis of Lula's discourse I could conclude that some points are essential to make a deep and critical text interpretation. Those points are search of connections between words and sentences, rhetorical function of the cohesive resources and the understanding of implicit and its relation with the historic-social context.

Keywords:

Cohesion, argumentation, text linguistics, social discourse theory, Critical Discourse Analysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	10
1.1 TEORIA SOCIAL DO DISCURSO	10
1.2 LINGÜÍSTICA TEXTUAL	13
1.3 COESÃO TEXTUAL	14
1.3.1 Os estudos de Beaugrande & Dressler	14
1.3.1.1 Recorrência.....	16
a) Recorrência lexical	16
b) Recorrência parcial.....	17
c) Paralelismo	17
d) Paráfrase	18
1.3.1.2 Pro-Formas	19
1.3.1.3 Elipse	21
1.3.1.4 Junção	22
1.3.2 A teoria de Halliday & Hasan.....	25
1.3.2.1 Referência.....	26
a) Referência pessoal	26
b) Referência demonstrativa.....	27
c) Referência comparativa	28
1.3.2.2 Substituição	29
1.3.2.3 Elipse	30
1.3.2.4 Conjunção	30
a) Locuções conjuntivas	31
b) Conjunções	31
. Conjunção aditiva.....	31
. Conjunção adversativa.....	32
. Conjunção causal.....	32
. Conjunção temporal.....	32
1.3.2.5 Coesão Lexical	33
a) Reiteração	33
b) Colocação	35
1.3.3 A proposta de Koch	36
1.3.3.1 Coesão remissiva ou referencial	37
a) Formas remissivas gramaticais presas.....	37
b) Formas remissivas gramaticais livres.....	38
c) Formas verbais remissivas (pro-formas verbais).....	38
d) Formas remissivas lexicais.....	39
1.3.3.2 Coesão seqüencial.....	41
a) Seqüenciação parafrástica	41
b) Seqüenciação frástica	42
1.4 ARGUMENTAÇÃO	43
2 ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA	48
2.1 MODELO PROPOSTO PARA ANÁLISE DA COESÃO	48

2.1.1	Referência anafórica ou catafórica	49
2.1.2	Coesão Lexical	50
2.1.2.1	Recorrência lexical	51
2.1.2.2	Recorrência parcial	51
2.1.2.3	Paralelismo	51
2.1.2.4	Paráfrase	52
2.1.2.5	Colocação	52
2.1.2.6	Hiperônimo/hipônimo	52
2.1.2.7	Nomes genéricos	53
2.1.3	Conexão	53
2.1.4	Elipse	54
2.2	ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA	54
2.2.1	Análise da conjuntura	55
2.2.2	Análise da prática da qual o discurso é um momento	56
2.2.3	Análise do discurso.....	57
2.3	O CORPUS.....	59
3	ANÁLISE TEXTUAL: A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO.....	63
3.1	REFERÊNCIA ANAFÓRICA OU CATAFÓRICA	64
3.2	COESÃO LEXICAL	65
3.2.1	Recorrência.....	65
3.2.2	Recorrência parcial	70
3.2.3	Paralelismo	71
3.2.4	Paráfrase	72
3.2.5	Colocação	73
3.2.6	Hiperônimo/hipônimo	74
3.2.7	Nomes genéricos	75
3.3	CONEXÃO.....	75
3.4	ARGUMENTAÇÃO E ASPECTOS IDEOLÓGICOS.....	77
	CONCLUSÃO.....	84
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90
	BIBLIOGRAFIA	92

INTRODUÇÃO

Escolhi a temática da coesão textual como objeto da monografia porque acredito que está intimamente ligada à compreensão e interpretação do sentido de um texto.

O conceito de coesão textual faz parte da Lingüística Textual, ramo da Lingüística que tem no texto seu principal objeto de estudo. É um dos fatores que contribuem para a criação de um discurso, sendo responsável pela conexão entre as sentenças.

O texto é uma forma de ação verbal, um instrumento para a realização das intenções comunicativas do indivíduo. Comunicar, portanto, é um ato social interativo dotado de intencionalidade, no qual o emissor não busca apenas transmitir uma informação, mas fazer com que o receptor aceite-a e compartilhe de suas opiniões. Cabe ao leitor o papel de reconstruir essas intenções. Para realização dessa tarefa, entendo ser necessária e imprescindível uma atitude crítica do leitor, sob pena de ser manipulado pelo produtor do texto.

Mas como ajudar o leitor a desenvolver essa característica e a tornar-se um leitor competente, que analisa e interpreta os implícitos de um texto? Buscarei na Lingüística Textual e na Análise do Discurso Crítica respostas para essa questão.

Acredito que o trabalho desenvolvido fornecerá uma contribuição para a interpretação de textos e para o incremento da leitura crítica.

Início esta monografia apresentando a fundamentação teórica. Sendo a coesão um dos itens observados na Análise do Discurso Crítica, proposta por Norman Fairclough (2001), discorro sobre a teoria social do discurso, apontando para o fato de que a coesão engloba o aspecto ideológico, pois a maneira e a ordem com que os elementos de um discurso são

combinados podem ampliar nossa percepção sobre os sistemas de conhecimento e de crença embutidos em um texto.

Examino as teorias sobre coesão textual de Beaugrande & Dressler (1983) e de Halliday & Hasan (1976), autores de obras clássicas que têm servido de base à maioria dos estudos sobre o assunto, com suas respectivas propostas de categorização dos elementos coesivos.

Acrescento, ainda, a concepção de Ingedore Koch (2004a), que propõe uma classificação dos itens de coesão baseada nas teorias dos autores acima citados.

São discutidas as considerações de Abreu (2003), Koch (2002) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) sobre argumentação, principalmente no que se refere à coesão.

A seguir, no capítulo referente à metodologia, proponho um modelo de categorização onde incluo os elementos de coesão que considere fundamentais, com base nas teorias estudadas. A definição dos tipos de elementos coesivos do modelo considera um critério específico: inclui aqueles citados por todos os autores, acrescidos de outros considerados complementares àqueles já selecionados, apesar de constarem apenas nos trabalhos de alguns dos autores referenciados.

Outro referencial metodológico é o arcabouço teórico proposto pela Análise do Discurso Crítica, de acordo com Chouliaraki e Fairclough (1999).

O corpus é constituído por um texto político, pois a política é uma prática social na qual a linguagem tem papel de destaque. Escolhi o discurso de posse do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, proferido no parlatório, em 1º de janeiro de 2003, porque marca um momento histórico do País. O primeiro Presidente representante da Esquerda foi eleito com o voto de mais de 50 milhões de brasileiros, quebrando recordes de votação de todos os ex-presidentes do Brasil.

Lula havia se candidatado à Presidência da República em 1989, 1994 e 1998, mas foi derrotado por Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso – este último, por duas vezes. Grande líder do sindicato dos metalúrgicos, foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores, um dos mais importantes partidos brasileiros, participou da campanha das Diretas Já, ao lado de Ulysses Guimarães, reivindicando eleições diretas para Presidente da República após os anos de ditadura militar, e foi deputado federal constituinte.

Os exemplos citados na apresentação da teoria sobre coesão serão retirados do discurso do Presidente Lula. Os casos porventura não encontrados serão selecionados dos livros de Beaugrande & Dressler (1983) e de Halliday & Hasan (1976). Como os conceitos se repetem nos diversos autores apresentados, os exemplos somente serão dados na primeira vez em que uma categoria for definida.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 TEORIA SOCIAL DO DISCURSO

Na concepção de Norman Fairclough (2001), discurso é o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade individual. O discurso é um modo de ação sobre o mundo e sobre as pessoas e também um modo de representação.

O autor propõe a existência de uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, na medida em que é moldado pelo sistema gramatical e pelas imposições sociais, mas também tem o poder de modificá-los. O discurso tem um papel constitutivo. Ele contribui para a construção das identidades sociais, das relações sociais entre as pessoas e para a construção de sistemas de conhecimento e crença (religiões, sistemas políticos etc.). No texto escolhido para análise, é bastante clara a construção da identidade de Lula como Presidente do País.

Nessa concepção, o discurso reproduz a sociedade e é capaz de transformá-la. Os textos produzem efeitos sobre as pessoas e esses efeitos são determinados pela relação dialética entre texto e contexto social. O discurso é uma prática social enraizada nas estruturas sociais.

Fairclough (2001) focaliza a prática discursiva como responsável pelos processos de produção e consumo textual. Posteriormente, em conjunto com Chouliaraki (1999) aprofunda essa reflexão, mostrando que a prática é parte essencial da vida social e que o discurso é um dos elementos da prática social. Chouliaraki e Fairclough (1999) esclarecem que as práticas são modos habituais de ação e que elas se relacionam entre si, formando uma rede. Uma prática reúne diferentes elementos, como atividades, pessoas, recursos semióticos e

lingüísticos, crenças e valores, formando os momentos. Podem ser identificados quatro momentos da prática social: atividade material; relações e processos sociais (relações sociais, poder, instituições); fenômenos mentais (crenças, valores, desejos); e discursos. O objetivo da análise textual é especificar as relações entre o discurso e os outros três momentos, ou seja, que relevância o discurso tem nessas práticas.

Em todas, há um aspecto discursivo, um elemento reflexivo, pois qualquer prática envolve a linguagem. Esse pensamento sugere que não existe uma simples oposição entre prática e teoria, mas uma relação próxima entre elas, porque a reflexão das pessoas sobre o que elas fazem é uma forma de teorizar sua prática. A reflexividade tem dois aspectos importantes: é alcançada na luta social e em todas as práticas há um aspecto discursivo irreduzível. As práticas podem depender desse elemento reflexivo para sustentar relações de dominação, sendo, então, consideradas ideologias.

O discurso pode estar relacionado a qualquer orientação da prática social – econômica, social, política –, mas as práticas política e ideológica são as que mais interessam a Fairclough e a este trabalho, já que o corpus é constituído de um discurso político.

A linguagem é um meio de dominação social, ela legitima relações de poder e, nesse sentido, é ideológica. A linguagem não é poderosa em si mesma, ela adquire poder pelo uso que os detentores do poder fazem dela, legitimando estruturas de dominação com a propagação da sua ideologia. A linguagem expressa o poder e está presente onde há disputa e desafio ao poder. O controle de um grupo sobre o outro pode ser feito por meio da persuasão e da manipulação, estratégias bastante eficazes na produção textual. Fairclough (2001, p. 94) adverte: “O discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder”. Os textos são espaços de

luta, pois guardam traços de diferentes discursos e ideologias em disputa pelo controle do poder.

O discurso, então, é visto como fonte de poder. Segundo Foucault (2004, p. 10), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”.

Como vemos, a teoria social do discurso parte da percepção de que o discurso é um elemento das práticas sociais. Ele é um dos responsáveis pela constituição dos outros elementos assim como é constituído por eles. Conseqüentemente, as questões sociais são parte das questões sobre o discurso. Por exemplo, reflexões sobre o poder das classes sociais e relações entre gêneros e raças referem-se em parte ao discurso. Portanto, uma cuidadosa análise lingüística e semiótica dos textos faz parte da análise social. Nesse sentido, a teoria social do discurso se baseia na ciência social crítica.

Como assinalam Chouliaraki e Fairclough (1999), é preciso questionar a relação entre práticas, eventos e estruturas sociais. Para compreender e interpretar o discurso de posse do Presidente Lula é preciso analisar a complexidade de elementos que existem por trás da linguagem, como crenças, valores, ideologias, contexto social e histórico.

A seguir, traçarei um breve histórico da Lingüística Textual, focalizando a evolução da concepção de texto e o surgimento do conceito de textura dentro do estudo da coesão.

1.2 LINGÜÍSTICA TEXTUAL

Lingüística Textual não é uma designação de uma simples teoria ou método, mas de uma ciência da linguagem que tem como primeiro objeto de estudo o texto. (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1983, p. 14)

A Lingüística Textual surgiu na década de 60, na Europa, tendo inicialmente como objetivo o estudo dos mecanismos interfrásticos, procurando “descrever os fenômenos sintático-semânticos ocorrentes entre enunciados ou seqüências de enunciados”. (KOCH, 2004a, p. 7) O texto, nesse contexto, era concebido como uma frase complexa. (KOCH, 2004b, p. XII)

Na década de 70, surgem as gramáticas textuais, pois as gramáticas de frase não conseguiam explicar determinados fenômenos lingüísticos. A concepção de texto passa a não ser “simplesmente uma seqüência de frases isoladas, mas uma unidade lingüística com propriedades estruturais específicas”. (KOCH, 2004a, p. 7) O texto é visto como a unidade lingüística hierarquicamente mais alta. (KOCH, 2004b, p. 6)

Na metade da década de 70, sob a influência das teorias da Psicologia da Linguagem, passa-se a ter uma visão pragmática do texto, que é considerado uma forma de ação verbal, um instrumento para a realização das intenções comunicativas do indivíduo. Ao interlocutor cabe o papel de reconstruir as intenções do falante. (KOCH, 2004b, p. 14) Para Halliday & Hasan (1976), o que determina que uma série de sentenças constitua um texto são as relações coesivas com e entre as sentenças, formando, a partir daí, o conceito de textura.

Na década de 80, com o entendimento de que toda ação é acompanhada de processos cognitivos, o texto passa a ser considerado resultado de processos mentais. A obra de Beaugrande & Dressler (1981), um marco nesse período, define sete critérios de

textualidade: coesão, coerência, informatividade, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade.

No próximo item, tratarei mais especificamente desses critérios, enfocando o objeto deste trabalho, a coesão textual.

1.3 COESÃO TEXTUAL

O estudo da coesão textual abrange um vasto campo teórico. Neste trabalho, abordarei os estudos de Beaugrande & Dressler (1983) e Halliday & Hasan (1976), obras clássicas, que têm servido de base para o desenvolvimento de outras teorias, além de Ingedore Koch (2004a), que apresenta uma proposta diferente, mas que também tem suas raízes nas teorias dos autores acima citados.

1.3.1 Os estudos de Beaugrande & Dressler

Segundo os dois autores, texto é uma ocorrência comunicativa que segue sete princípios de textualidade: coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade.

Coerência é a forma com que os elementos do texto são mutuamente acessíveis e relevantes. Um texto não faz sentido por si só, mas devido à interação do conhecimento apresentado com o conhecimento de mundo do leitor.

Intencionalidade refere-se à atitude do produtor do texto de construir um discurso coesivo e coerente, que ofereça conhecimento ou que atenda a um objetivo específico.

Aceitabilidade é uma referência à atitude do leitor ou ouvinte em relação ao texto, ou seja, se ele o considera coesivo, coerente e relevante para seu conhecimento ou objetivo.

Informatividade diz respeito às informações oferecidas pelo texto: se são esperadas ou inesperadas, conhecidas ou novas.

Situacionalidade refere-se aos fatores que tornam o texto relevante em determinada situação.

Intertextualidade relaciona-se aos fatores que fazem com que a compreensão de um discurso dependa do conhecimento prévio de um ou mais textos.

Se um desses critérios não for satisfeito, o texto não será comunicativo e, portanto, não será considerado um texto. (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1983, p. 3)

Como o foco de análise neste trabalho é a coesão textual, somente esse princípio da teoria de Beaugrande & Dressler será apresentado. Mas é preciso que se tenha sempre em mente que, para haver uma comunicação eficiente, deverá haver interação entre a coesão e os outros princípios de textualidade.

A coesão se refere aos modos como os componentes da superfície do texto, isto é, as palavras que realmente vemos ou ouvimos, que não estão implícitas, são conectadas entre si em uma seqüência — frase, oração ou período. (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1983, p. 3)

Como os componentes da superfície textual são utilizados de acordo com os padrões organizacionais da sintaxe, a coesão depende da gramática e enfatiza a função da sintaxe na comunicação. (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1983, p. 48)

Quando há trechos longos em um texto, podem ser utilizadas determinadas estratégias para que estruturas e padrões já utilizados sejam reutilizados, modificados ou compactados. Tais estratégias contribuem para a estabilidade e economia textuais e baseiam-

se em repetições, substituições, omissões e estabelecimento de relações entre eventos ou situações. (BEAUGRANDE & DRESSLER, 1983, p. 49)

Beaugrande & Dressler definem quatro categorias de elementos coesivos: recorrência – recorrência lexical, recorrência parcial, paralelismo, paráfrase –, pro-formas, elipse e junção – conjunção, disjunção e contração.

1.3.1.1 Recorrência

a) Recorrência lexical

É a repetição de palavras ou expressões.

A recorrência é comum no discurso oral, onde o orador tem um curto espaço de tempo para planejar seu pronunciamento. No texto escrito, essa variável não ocorre, permitindo que a repetição das palavras fique dentro de determinados limites, pois, se freqüente, a recorrência reduz a informatividade. (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1983, p. 54)

A recorrência é comumente utilizada para reafirmar um ponto de vista, repudiar ou rejeitar determinado argumento ou retornar um assunto interrompido por alguém. (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1983, p. 56)

Exemplos:

(1) “*Meus companheiros* e minhas companheiras, excelentíssimos Senhores Chefes de Estado presentes nesta solenidade [...]”. (linhas 1 e 2)

“Eu tenho plena consciência das responsabilidades que estou, junto com os *meus companheiros*, assumindo neste momento histórico da nossa vida republicana.”
(linhas 7 e 8)

A palavra “companheiros” é utilizada na linha 1 e repetida na linha 8;

(2) “[...] ninguém dá um telefonema para a gente, para dizer: companheiro, *a luta* continua. Às vezes, ela e eu decidíamos que *a luta* ia continuar [...]”. (linhas 50 a 52)

b) Recorrência parcial

É a repetição dos componentes básicos de uma palavra, porém trocados para classe ou gêneros diferentes. (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1983, p. 56)

Exemplos:

(1) “[...] estamos realizando um *sonho* que não é meu, mas um *sonho* do povo deste País, que queria mudança.” (linhas 5 a 6)

“[...] com esta faixa com que nós *sonhamos* tanto tempo.” (linha 47)

(2) “[...]antes de mim, companheiros e companheiras *lutaram*. Antes do PT, companheiros e companheiras morreram neste País, *lutando* por conquistar a democracia e a liberdade.” (linhas 20 a 22)

c) Paralelismo

É a reutilização de uma estrutura, mas preenchida com expressões diferentes. (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1983, p. 57)

Exemplos:

(1) “Eu não sou o resultado de uma eleição. Eu sou o resultado de uma história.”

(linha 30)

(2) “[...] e eu prometo *a cada homem, a cada mulher, a cada criança e a cada jovem brasileiro* que o meu governo [...]”. (linhas 41 e 42)

d) Paráfrase

É a recorrência de conteúdo em uma expressão diferente. Comum em textos legais onde é necessário definir certos comportamentos e conceitos de modo a não deixar qualquer dúvida sobre a intenção do conteúdo. (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1983, p. 58)

Exemplos:

(1) “Em nenhum momento vacilarei em cumprir *cada palavra que José Alencar e eu assumimos* durante a campanha. Durante a campanha, não fizemos nenhuma *promessa absurda*.” (linhas 12 a 14)

(2) “[...] eu não terei nenhuma dúvida de *ser honesto* com o povo (...) em nenhum momento da minha vida, *faltarei com a verdade* com vocês [...]”. (linhas 61 a 64)

A recorrência lexical, a recorrência parcial, o paralelismo e a paráfrase são utilizados principalmente em situações em que é essencial a exatidão do conteúdo.

1.3.1.2 Pro-Formas

Palavras pequenas, sem um conteúdo específico, são utilizadas no lugar de outras de conteúdo determinado. Embora simplifique a superfície do texto encurtando as frases, essa estratégia gera uma perda de definição. A mais comum das pro-formas é o pronome, que é colocado no lugar de um substantivo ou mesmo de uma frase nominal ao qual ou à qual se refere. (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1983, p. 60)

Exemplos:

(1) “[...] nós iremos recuperar a dignidade do povo brasileiro, recuperar a *sua* auto-estima [...]” (linhas 14 e 15).

O pronome possessivo está no lugar de “povo brasileiro”.

(2) “[...] todo brasileiro e brasileira possa, todo santo dia, tomar café, almoçar e jantar, porque *isso* não está escrito no meu programa.” (linhas 69 e 70)

O pronome demonstrativo refere-se à oração anterior.

Cabe aqui definir os conceitos de anáfora e catáfora. Quando o pronome vem depois da expressão a que se refere, tem-se a anáfora; quando o pronome vem antes, tem-se a catáfora. O uso da catáfora provoca uma expectativa no leitor/ouvinte sobre o que será dito. (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1983, p. 60)

Exemplos:

(1) Anáfora: “Eu quero fazer uma homenagem porque hoje nós estamos aqui, Marisa muito bonita, toda elegante, ao lado do marido *dela*, com esta faixa com que nós sonhamos durante tanto tempo.” (linhas 45 a 47)

O pronome possessivo retoma a palavra “Marisa”.

(2) Catáfora: “E quero propor *isto* a vocês: amanhã, estaremos começando a primeira campanha contra a fome neste País.” (linhas 67 e 68)

O pronome demonstrativo refere-se à oração que se segue a ele.

Outro tipo de pro-forma é o pro-verbo, onde o verbo “fazer” se refere a um verbo cujo conteúdo é mais específico ou a uma frase verbal. Há, também, o pro-modificador ou pro-complemento, representado pelas palavras “assim” e “tal”.

Exemplo:

(1) “[...] dizer a vocês que eu vou *fazer* o que acredito que o Brasil precisa que seja feito nestes quatro anos. Cuidar da educação, cuidar da saúde, fazer a reforma agrária, cuidar da previdência social e acabar com a fome [...]”. (linhas 34 a 36)

O verbo “fazer” refere-se à frase seguinte, que são as ações a serem executadas pelo orador.

As pro-formas freqüentemente substituem frases a que se referem, mantendo seu conteúdo ativo, mas não o formato da superfície textual. O uso das pro-formas varia em função do grau de especificidade. Usualmente, inicia-se com o conteúdo mais específico e finaliza-se com o menos específico, na seguinte seqüência: nome próprio, descrição específica, classe geral e pro-forma. Veja-se o seguinte exemplo:

“*Napoleão* chegou ao palácio. O *conquistador da Áustria* estava com o humor elevado. Eu nunca vi um *homem* tão exaltado. *Ele* dificilmente parava de falar”.
(BEAUGRANDE; DRESSLER, 1983, p. 64, tradução nossa)

Provavelmente, essa progressão ocorra porque o conteúdo deve ser o mais claro possível na primeira vez em que é apresentado. No entanto, ao reverter essa seqüência, cria-se uma estratégia para chamar a atenção do leitor/ouvinte, ao revelar a identidade do referente pouco a pouco.

1.3.1.3 Elipse

Ocorre elipse quando surge uma perceptível descontinuidade na superfície textual. Tipicamente, a elipse é anafórica, isto é, a estrutura completa é apresentada antes da elipse.
(BEAUGRANDE; DRESSLER, 1983, p. 67)

Exemplos:

(1) “[...] estamos realizando um sonho que não é meu, mas um sonho do povo deste País, que queria mudanças.” (linhas 5 e 6)

Na segunda oração, o verbo “ser” é suprimido.

(2) “Entretanto, para chegar aqui, nós perdemos quatro eleições: uma para Governador e três para Presidente da República.” (linhas 47 a 49)

A palavra “eleição” é suprimida.

Deve-se ter cuidado para que a economia textual não afete a clareza. Portanto, o uso apropriado da elipse é importante para que ela seja eficiente e não dificulte o entendimento do texto. (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1983, p. 69)

1.3.1.4 Junção

É uma estratégia para sinalizar as relações entre eventos e situações. Há quatro tipos: conjunção, disjunção, contrajunção e subordinação. (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1983, p. 71)

A **conjunção** liga coisas que têm o mesmo status, isto é, que são verdades no texto. (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1983, p. 71) É representada por: *e, além disso, além do mais, também, em adição etc.* A conjunção é uma relação aditiva quando conecta dois eventos ou situações interdependentes mencionados dentro de uma sentença. Deve ser usada para enfatizar essa relação nos casos em que ela não é óbvia. (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1983, p. 72)

Exemplos:

(1) “*E* quero propor isto a vocês: amanhã [...]”. (linha 67)

A conjunção expressa a idéia de que algo mais será acrescentado, no caso, a proposta que o Presidente irá fazer.

(2) “*E* isso nós vamos fazer juntos.” (linha 72)

A conjunção é utilizada para acrescentar um adendo à proposta do orador: a campanha contra a fome será feita pelo Governo junto com o povo.

A **disjunção** liga coisas que têm status alternativo, isto é, liga duas coisas das quais apenas uma pode ser verdadeira. (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1983, p. 71) É representada por: *ou, ou/ou, nem/nem etc.*

Exemplo:

(1) "Um homem não deve ser tão precipitado, *ou* ele atropela o chapéu dele, ele não deve apressar-se para ir ao extremo oposto, *ou* ele o perde totalmente." (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1983, p. 73)

A **contrajunção** liga coisas que têm o mesmo status, mas que parecem incongruentes ou incompatíveis no texto, isto é, uma causa e um efeito não antecipado. (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1983, p. 71) É representada por: *mas, porém, contudo, todavia, no entanto etc.*

Exemplos:

(1) "*Mas*, ao mesmo tempo, tenho a certeza e a convicção de que nenhum momento difícil, nessa trajetória de quatro anos, irá impedir que eu faça as reformas [...]". (linhas 9 e 10)

A contrajunção conecta o terceiro parágrafo ao segundo. Ao introduzir o enunciado, determina-lhe a orientação argumentativa que se contrapõe à do enunciado anterior. No caso, foi utilizada pelo orador para mostrar que, apesar das responsabilidades do cargo que assume, nada o impedirá de realizar as reformas de que o povo necessita.

(2) "*Entretanto*, para chegar aqui, nós perdemos quatro eleições [...]". (linhas 47 a

48)

A contrajunção estabelece uma relação de oposição, de contraste de argumentos. O Presidente, na sentença anterior, refere-se ao sonho que se tornou realidade, mas, na outra frase, apresenta as dificuldades por que passou para alcançar aquele objetivo.

A **subordinação** liga coisas quando o status de uma depende do status da outra, isto é, coisas verdadeiras sob certas condições ou por certos motivos. (BEAUGRANDE & DRESSLER, 1983: 71) A subordinação estabelece relações de causa, tempo e modalidade. É representada por: *porque, desde que, como, assim, deste modo, enquanto, portanto, então, antes, depois, durante, sempre que, se etc.*

Exemplos:

(1) “Eu quero fazer uma homenagem *porque* hoje nós estamos aqui, Marisa muito bonita, toda elegante, ao lado do marido dela, com esta faixa com que nós sonhamos tanto tempo.” (linhas 45 a 47)

A coesão por subordinação introduz uma explicação ou justificativa: a homenagem a Marisa deve-se ao fato de ela ter partilhado com o orador durante tanto tempo do sonho que se realizava naquele momento, a Presidência da República.

(2) “*Quando* a gente perde, ninguém dá um telefonema para a gente [...]”. (linha 50)

Há uma relação temporal sendo explicitada, o momento de uma derrota nas eleições.

A conjunção, a contração e a subordinação são raramente obrigatórias, pois o autor do texto pode descrever relações em que há adição, incongruência ou causalidade entre sentenças, com base no conhecimento de mundo do receptor. No entanto, ao utilizar a junção, ele pode impor uma interpretação em particular controlando qual relação deve ser estabelecida pelo leitor/ouvinte. (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1983, p. 74)

1.3.2 A teoria de Halliday & Hasan

De acordo com os autores, texto é qualquer passagem, oral ou escrita, de qualquer extensão, que forme um todo significativo. O que diferencia um texto de uma seqüência de sentenças desconectadas é a textura, ou seja, as ligações coesivas que existem entre os elementos que formam o texto.

O conceito de coesão é semântico e refere-se às relações de significado que existem dentro do texto e que o definem como um texto. A coesão ocorre quando a interpretação de algum elemento do discurso é dependente da de outro. Um pressupõe o outro, no sentido de que um só pode ser efetivamente decodificado em relação ao outro. Portanto, a coesão é a relação entre um item e o outro. (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 4)

Normalmente, em qualquer texto, as sentenças estabelecem uma relação de coesão com a sentença anterior, ou seja, uma relação anafórica. Em geral, quando essa relação não é estabelecida, é porque existe uma transição, por exemplo, uma passagem de narração para descrição, ou inicia-se um novo texto. (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 295)

A coesão expressa a continuidade que existe entre partes do discurso. Essa continuidade é que permite ao leitor ou ouvinte suprir partes não explicitadas no texto, mas necessárias a sua interpretação. (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 299)

Em uma sentença, geralmente, há mais de uma ligação coesiva e essas podem estar relacionadas à sentença imediatamente anterior ou a sentenças mais distantes no texto.

Os autores classificaram as diferentes ligações coesivas em cinco tipos de categorias: referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical. Cada uma delas é representada no texto por características particulares – repetições, omissões, ocorrências de certas palavras e construções – que têm em comum a propriedade de sinalizar que a interpretação de uma determinada passagem depende de outra parte do texto. (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 13) Analisaremos, então, cada uma dessas categorias.

1.3.2.1 Referência

Há alguns itens do discurso que não são interpretados semanticamente por si mesmos, pois a sua interpretação depende do elemento a que fazem referência. A informação é recuperada de um outro ponto do texto, que esclarecerá o significado do item sob análise.

A referência pode ser exofórica ou situacional e endofórica ou textual. No último caso, ela será anafórica ou catafórica, termos também utilizados por Beaugrande & Dressler ao falarem sobre as pro-formas.

Deve-se ressaltar que, segundo Halliday & Hasan (1976, p. 53), a referência exofórica não contribui para a coesão do texto e, por isso, não será discutida aqui.

Há três tipos de referência: pessoal, demonstrativa e comparativa.

a) Referência pessoal

É feita por meio de pronomes pessoais e possessivos, que se referem a algum item no texto – pessoa ou objeto –, especificando sua função ou papel no discurso. Os papéis são o

de emissor (eu) e o de receptor (você) e a distinção entre 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular ou do plural.

É importante especificar esse aspecto, porque apenas a 3ª pessoa é um elemento inerentemente coesivo, pois tipicamente refere-se anaforicamente a um item do texto. As 1ª e 2ª pessoas normalmente se referem à situação, sendo, portanto, referências exofóricas, que não têm um papel coesivo. Em relação à referência pessoal, apenas a referência anafórica é relevante para a coesão, pois estabelece uma ligação com uma parte precedente do texto. Assim sendo, quando falamos na função coesiva da referência pessoal, referimo-nos especificamente às formas da 3ª pessoa (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 51). Uma característica das formas da 3ª pessoa é que são cumulativamente anafóricas no decorrer do texto, formando uma rede de linhas de referência, cuja densidade caracteriza a textura textual.

Exemplo:

(1) “Às vezes, *ela* e eu decidíamos que a luta ia continuar [...]”. (linhas 51 e 52)

O pronome pessoal retoma a palavra “Marisa”. (linha 46)

Tudo o que foi dito acima sobre os pronomes pessoais aplica-se aos pronomes possessivos.

b) Referência demonstrativa

É feita por meio de pronomes demonstrativos e advérbios indicativos de lugar, que estabelecem uma relação semântica de proximidade.

Os pronomes demonstrativos tipicamente fazem referências anafóricas. Há apenas um uso em que estabelecem uma ligação coesiva catafórica: quando se referem não apenas a

uma pessoa ou objeto, mas a uma frase, oração ou período. É o exemplo retirado do livro *Alice no País das Maravilhas*:

“*Estes* são os versos que o Coelho Branco leu: [seguem-se os versos].
(HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 69, tradução nossa)

Também aí se incluem os exemplos citados quando abordei as pro-formas de Beaugrande & Dressler.

O artigo definido também é citado como uma referência demonstrativa. Ele será considerado um elemento coesivo apenas quando fizer uma referência anafórica. Nesses casos, freqüentemente a referência será a um sinônimo ou quase sinônimo ou a um item cuja conotação é um alvo para a anáfora. Por exemplo:

“Ela se encontrava em um longo e baixo *corredor* que era iluminado por uma fila de lâmpadas penduradas do teto. Havia portas por todo *o corredor*, mas elas estavam todas trancadas”. (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 72, tradução nossa)

c) Referência comparativa

É realizada por meio de identidades, similaridades e diferenças.

Como nas outras referências, é preciso que seja anafórica para ser coesiva, pois, em geral, seu uso catafórico demonstra apenas uma relação estrutural e não uma relação semântica.

Exemplos:

(1) “Eu estou convencido de que hoje não existe, no Brasil, nenhum brasileiro ou brasileira *mais conhecedor da realidade e das dificuldades* que vamos enfrentar [...]”. (linhas 25 e 26)

(2) “Mas, ao mesmo tempo, estou convencido – e quero afirmar a vocês – de que não existe, na face da Terra, nenhum homem *mais otimista do que eu* estou, hoje, e posso afirmar que vamos ajudar este País.” (linhas 26 a 29)

1.3.2.2 Substituição

Substituição é a colocação de um item no lugar de outro ou até mesmo de uma oração inteira. Tem a única função de estabelecer a coesão entre partes do texto.

Algumas vezes, a ligação coesiva pode ser interpretada como substituição ou como referência. A substituição é a relação entre termos lingüísticos, como as palavras e as frases, enquanto que referência é a relação entre significados. Em termos de sistema lingüístico, referência é uma relação a nível semântico, enquanto que substituição é uma relação a nível gramatical. (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 89)

A substituição é usada para não se repetir um determinado item. Como regra geral, o item substituto tem a mesma função estrutural do item substituído. Na maior parte dos casos, a substituição é anafórica.

Exemplos:

(1) Ela comeu um biscoito. Eu quero *um*.

(2) - Eu quero dois ovos, por favor.

- Eu quero *o mesmo*.

Uma outra distinção entre substituição e referência é que, na substituição, há um contexto anafórico, onde é repudiada parte das características do item substituído. Na referência, há uma total identidade entre os itens coesivos, nada é acrescentado na definição. Na substituição, há sempre alguma redefinição.

(3) Joel comprou *uma bicicleta vermelha*, mas eu prefiro *uma azul*.

1.3.2.3 Elipse

A elipse pode ser interpretada como uma forma de substituição, na qual o item é substituído por zero. Onde ocorre a elipse há a pressuposição de que alguma coisa deve ser subentendida. Em outras palavras, a elipse ocorre quando alguma coisa estruturalmente necessária deixa de ser dita. (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 144)

Assim como na substituição, na maior parte dos casos, a elipse é anafórica. Ocasionalmente, pode ser exofórica, mas não estabelecerá uma relação coesiva.

Exemplos de elipse já foram dados na apresentação da teoria de Beaugrande & Dressler

1.3.2.4 Conjunção

A conjunção não é simplesmente uma relação anafórica. Os elementos conjuntivos são coesivos não por si mesmos, mas indiretamente, em virtude das relações específicas que se estabelecem entre as orações, frases ou períodos.

Os principais tipos de elementos conjuntivos são as locuções conjuntivas e as conjunções.

a) Locuções conjuntivas

As locuções conjuntivas podem ser acompanhadas de preposição ou de pronome demonstrativo. São elas: por conseqüência de, ao invés de, por causa de, contrariamente, de qualquer modo, além disso, realmente etc.

Exemplo:

(1) “O capitão tinha direcionado o rumo para próximo à costa. Como resultado disso, eles evitaram o pior da tempestade.” (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 231, tradução nossa)

b) Conjunções

As conjunções dividem-se em: aditivas (e, nem, ou....ou), adversativas (mas, porém, contudo, todavia), causal (conseqüentemente, por essa razão, logo, então) e temporal (na próxima vez, finalmente, depois disso, ao mesmo tempo).

. Conjunção aditiva

As conjunções aditivas, dentro da sentença, estabelecem uma relação estrutural e, entre sentenças, estabelecem uma relação coesiva. Quando utilizadas, estabelece-se um senso de que há algo mais a ser dito. (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 245)

Pode, também, expressar uma alternativa, uma outra possibilidade de opinião, outra explicação, quando se utiliza a partícula “ou”. Na classificação de Beaugrande & Dressler, é conhecida como disjunção.

Ainda dentro das conjunções aditivas, incluem-se as relações de similaridade e dissimilaridade. Na similaridade, a fonte da coesão é a comparação do que será dito com o que foi dito, utilizando-se expressões como: *similarmente, do mesmo modo, igualmente*. Na

dissimilaridade, há uma comparação negativa, com o uso de expressões como: *por outro lado*, *contrariamente*, *em oposição a*.

Outro tipo de relação coesiva dentro das conjunções aditivas é a exemplificação, representada por: *em outras palavras*, *por exemplo*, *colocando de uma outra forma*.

As conjunções aditivas assemelham-se ao conceito de conjunção de Beaugrande & Dressler.

. Conjunção adversativa

As conjunções adversativas expressam a idéia de que algo contrário à expectativa será dito. (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 250) Na classificação de Beaugrande & Dressler, é denominada contrajunção.

. Conjunção causal

Halliday & Hasan (1976, p. 258) esclarecem que a relação causal, que exprime o motivo de determinado acontecimento, inclui a relação condicional, que indica uma hipótese ou uma condição necessária para que seja realizado ou não o fato principal, representada por: *se*, *nesse caso*. A forma negativa é representada por: *de outra maneira*, *sob outras circunstâncias*.

. Conjunção temporal

A relação temporal expressa uma seqüência de sentenças determinadas pelo tempo: podem ser simultâneas (expressas por “ao mesmo tempo”, “então”, “simultaneamente”) ou uma pode ser prévia à outra (representadas por “até então”, “cinco minutos antes”). Uma sentença pode estabelecer coesão com a anterior marcando o fim de

algum processo (expressas por “finalmente”, “ao fim”), resumindo ou retornando ao ponto (expressas por “para resumir”).

As conjunções causal e temporal, na classificação de Beaugrande & Dressler, fazem parte da subordinação.

1.3.2.5 Coesão Lexical

Até aqui, foram descritos vários tipos de coesão gramatical. Este item trata da coesão lexical, cujo efeito é alcançado pela seleção vocabular. Falaremos, a seguir, da reiteração e da colocação.

a) Reiteração

De acordo com Halliday & Hasan (1976, p. 278), reiteração é uma forma de coesão lexical que envolve repetição de um item lexical, o uso de sinônimos, quase sinônimos, superordenadores e nomes genéricos.

A repetição de um item lexical já foi mencionada na classificação de Beaugrande & Dressler. Focalizarei apenas os itens que merecem explicação para não sobrecarregar o texto.

Superordenador é qualquer item que domina o item anterior dentro da taxonomia lexical, estabelecendo uma relação de inclusão.

Exemplo:

(1) “[...] e eu prometo a cada homem, a cada mulher, a cada criança e a cada jovem brasileiro que o meu *governo, o Presidente, o Vice e os Ministros* trabalharão, se necessário, 24 horas por dia [...]”. (linhas 41 a 43)

Presidente, Vice e Ministros são categorias que estão contidas dentro de “governo”, que é o superordenador.

Os **nomes genéricos** – coisa, pessoa, gente – correspondem às classes principais de itens lexicais e funcionam como elementos de referência anafórica. Eles estão na fronteira entre item lexical e substituição, pois não há uma linha bastante definida entre gramática e vocabulário.

Exemplos:

(1) ”Quando a *gente* perde, ninguém dá um telefonema para a *gente*, para dizer: companheiro, a luta continua.” (linhas 50 e 51)

“Gente” é um nome genérico que faz referência anafórica ao Presidente e a sua esposa.

(2) “[...] podem ter a certeza mais absoluta de que um *ser humano* pode ter, quando eu não puder fazer uma *coisa*, eu não terei nenhuma dúvida de ser honesto [...]”. (linhas 61 a 63)

“Ser humano” é uma referência anafórica ao povo brasileiro e “coisa” retoma a idéia de se fazer uma ação em prol do povo.

Embora a coesão lexical seja tipicamente utilizada em contextos onde há identidade de referência, para que um item lexical estabeleça uma relação de coesão com o mesmo item ocorrido anteriormente no texto, não é necessário que os dois tenham a mesma referência. Portanto, referência é irrelevante na coesão lexical. Não é devido a qualquer

relação referencial que existe uma força coesiva entre duas ocorrências de um item lexical; a coesão existe como uma relação direta entre as formas lexicais. (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 284)

b) Colocação

Na colocação, a coesão é alcançada pela associação de itens lexicais pertencentes ao mesmo campo significativo. Existe coesão entre qualquer par de itens lexicais que tenham uma relação léxico-semântica reconhecível. (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 285) Há diversos tipos:

- . colocação por opostos – menino/menina
- . colocação por antônimos – derrota /vitória
- . colocação por pares de uma mesma série ordenada – terça-feira/quinta-feira
- . colocação por relação de parte para o todo e vice-versa – carro/freio
- . colocação por hipônimos do mesmo superordenador – cadeira/mesa (ambos hipônimos de mobília)

Em geral, qualquer par de itens lexicais que tenham padrões similares de colocação, ou seja, que tendam a aparecer em contextos similares, irão gerar uma força coesiva se ocorrerem em sentenças próximas uma da outra. Esse efeito não é limitado a um par de palavras. É comum formar-se uma longa cadeia coesiva devido à relação lexical entre os itens. Por exemplo: cabelo/pente/cacho/onda. (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 286) Esse tipo de coesão recebe o nome de *frame*, na teoria de Van Dijk. (KOCH, 2004b)

Exemplo:

(1) A palavra “eleição” (linha 30) é o *frame* de “derrotas” (linha 5), “campanha” (linha 13), “promessa” (linha 14), “vitória” (linha 18), “agenda” (linha 40), “faixa” (linha 47), “política” (linha 49), “vencedores” (linha 49), “programa” (linha 70), pois pertencem ao mesmo campo significativo.

1.3.3 A proposta de Koch

Ingedore Villaça Koch apresentou, em 1985, juntamente com Leonor Lopes Fávero, na obra “Revedo os Critérios de Textualidade”, a seguinte proposta de classificação da coesão: coesão referencial, englobando a referência, a elipse e a definitivização; a coesão lexical, englobando a reiteração e a substituição; e a coesão seqüencial, englobando a temporal e a conjunção de Halliday & Hasan. (FÁVERO, 1992, p. 17)

Posteriormente, Koch e Fávero fizeram algumas modificações na proposta acima e apresentaram, individualmente, diferentes classificações. Analisarei aqui a classificação de Koch (2004a), por me parecer mais didática.

De acordo com Koch (2004a, p. 27):

A coesão lexical não constitui um mecanismo funcionalmente independente: o uso de sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos constitui uma das formas de remissão a elementos do mundo textual, tendo, pois, a mesma função coesiva das pro-formas; a reiteração do mesmo item lexical pode ter também essa mesma função ou, ainda, exercer função seqüenciadora, como é também o caso da colocação, enquadrando-se, assim, no que irei chamar adiante de coesão seqüencial.

Com base nesse entendimento, a autora propõe a seguinte classificação: coesão remissiva ou referencial, abrangendo as formas remissivas gramáticas presas, as formas

remissivas gramaticais livres, as formas verbais remissivas e as formas remissivas lexicais; e coesão seqüencial, abrangendo a seqüenciação frástica e a seqüenciação parafrástica.

1.3.3.1 Coesão remissiva ou referencial

“É aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presente(s) ou inferível(is) a partir do universo textual.” (KOCH, 2004a, p. 31) Portanto, a coesão se realiza quando certos elementos do texto são retomados no segmento seguinte. De acordo com essa noção, o elemento de referência é construído no texto na medida em que cada novo nome que lhe é dado acrescenta-lhe novos traços.

Como a remissão pode ser feita a um elemento já citado ou ainda por citar, ela pode constituir uma anáfora ou uma catáfora.

Em muitos casos, a remissão se faz “a referentes estocados na memória dos interlocutores que, a partir de pistas encontradas na superfície textual, são (re)ativados via inferenciação. É o que se denomina *anáfora semântica* ou *anáfora profunda*.” (KOCH, 2000, p. 23) As inferências permitem estabelecer a ponte entre o material lingüístico presente na superfície textual e os conhecimentos prévios e/ou partilhados do interlocutor.

As formas remissivas podem ser gramaticais – presas ou livres –, verbais e lexicais.

a) Formas remissivas gramaticais presas

Acompanham um nome e exercem função de determinantes. São os artigos definidos e indefinidos, os pronomes adjetivos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos e relativos) e os numerais cardinais e ordinais, quando acompanhados de nomes.

Exemplo:

(1) “[...] hoje nós estamos aqui, Marisa muito bonita, toda elegante, ao lado do marido *dela*, com esta faixa com que nós sonhamos tanto tempo.” (linhas 46 e 47)

b) Formas remissivas gramaticais livres

São os pronomes pessoais de 3ª pessoa (ele, ela, eles, elas), a elipse, os pronomes substantivos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos e relativos) que têm função pronominal, os numerais cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários e os advérbios pronominais (lá, aí, ali, aqui, onde etc), expressões adverbiais (acima, abaixo, a seguir, desse modo etc.).

Exemplo:

(1) “Durante a campanha, não fizemos nenhuma promessa absurda. *O que* nós dizíamos – e vou repetir agora – é que nós iremos recuperar a dignidade do povo brasileiro [...]”. (linhas 13 a 15)

O pronome demonstrativo faz uma referência à palavra “promessa”.

c) Formas verbais remissivas (pro-formas verbais)

Englobam o verbo “fazer”, geralmente acompanhado de uma forma pronominal como “o mesmo”, “o”, “isto”, “assim”, que se refere, normalmente, a todo o predicado e não só ao verbo.

d) Formas remissivas lexicais

Fornecem instruções de concordância e fazem referência a algo no mundo extralingüístico. São os sinônimos, hiperônimos, hipônimos, nomes genéricos, quando se referem a outros elementos do texto. Incluem-se, também, os grupos nominais introduzidos pelo artigo definido ou pelo demonstrativo que exercem função remissiva, as nominalizações, as formas referenciais com lexema idêntico ao núcleo do sintagma nominal antecedente, com ou sem mudança de determinante, as formas referenciais cujo lexema fornece instruções de sentido que representam uma categorização ou classificação das instruções de sentido de partes antecedentes do texto.

Não serão citados exemplos de sinônimos e nomes genéricos, pois já foram abordados na teoria de Halliday & Hasan.

Exemplos de hipônimo/hiperônimo:

(1) “mulheres, homens e crianças” (linha 17) é hipônimo de “povo” (linha 6), que é o hiperônimo, pois um está contido no outro. Essa relação se repete nas linhas 41 e 42, quando o orador se refere a “cada homem, cada mulher, cada criança, cada jovem brasileiro”, que também é hipônimo de “povo”;

(2) “Roraima, Acre, Amapá, Amazonas, Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, Pernambuco, Sergipe, Brasília, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás” (linhas 53 a 60) é hipônimo de “Brasil” (linha 2), pois os Estados fazem parte do País.

Os **grupos nominais** que exercem função remissiva assemelham-se ao conceito de paráfrase de Beaugrande & Dressler. A seguir, transcrevo os exemplos citados por Koch (2004a, p. 48):

“Reagan perdeu a batalha no Congresso. *O presidente dos Estados Unidos* vem sofrendo sucessivas derrotas políticas”.

“Um homem caminhava pela rua deserta: esfarrapado, cabisbaixo, faminto, abandonado à própria sorte. *A pobre criatura* parecia não notar a chuva fina que caía e lhe encharcava os ossos à mostra”.

Segundo a definição de Beaugrande & Dressler (1983, p. 58), “paráfrase é a recorrência de conteúdo com a mudança de expressão”. Portanto, os exemplos citados enquadram-se perfeitamente na definição acima.

As **nominalizações** equiparam-se à recorrência parcial descrita por Beaugrande & Dressler. Observe-se o exemplo de Koch (2004a, p. 50):

“Os grevistas paralisaram todas as atividades da fábrica. *A paralisação* durou uma semana”.

Beaugrande & Dressler (1983, p. 56) afirmam que recorrência parcial “é a repetição dos componentes básicos de uma palavra, porém trocados para classe ou gêneros diferentes”. No exemplo acima, paralisaram e paralisação pertencem a classes gramaticais diferentes, mas possuem conteúdos similares.

As **formas referenciais com lexema idêntico ao núcleo do sintagma nominal antecedente** poderiam ser classificadas como recorrência do mesmo item lexical na teoria de Beaugrande & Dressler. Analisemos o exemplo dado por Koch (2004a, p. 51):

“*Os cães* são animais de faro apuradíssimo. Por isso, *os cães* são excelentes auxiliares da polícia”.

De acordo com Beaugrande & Dressler (1983, p. 54), recorrência lexical é a “repetição da mesma palavra ou expressão”. Esse é o caso de “os cães”, expressão que é repetida na segunda frase.

1.3.3.2 Coesão seqüencial

“Diz respeito aos procedimentos lingüísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e seqüências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, na medida em que se faz o texto progredir.” (KOCH, 2004a, p. 53)

a) Seqüenciação parafrástica

Na progressão do texto são utilizados procedimentos de recorrência de vários tipos: reiteração ou repetição de itens lexicais; recorrência de estruturas sintáticas ou paralelismos; recorrência de conteúdos semânticos ou paráfrases, que são introduzidas por determinadas expressões (isto é, ou seja, quer dizer, ou melhor, em outras palavras, em síntese, em resumo etc.); recorrência de elementos fonológicos; e recorrência de tempo e aspecto verbal.

Não me deterei novamente na apresentação dos conceitos já citados. Abordarei apenas a recorrência de elementos fonológicos e a recorrência de tempo e aspecto verbal.

Na **recorrência de recursos fonológicos**, tem-se a presença de ritmo, rima, assonâncias, aliterações etc.

A **recorrência de tempo e aspecto verbal** refere-se à teoria de Weinrich sobre os tempos do mundo comentado e os tempos do mundo narrado. Koch (2004a, p. 57) assinala que “os tempos do comentário conduzem o ouvinte a uma atitude receptiva tensa, engajada, atenta” e são os seguintes: presente do indicativo, pretérito perfeito simples e composto, futuro do presente. Os tempos do relato, no entanto, levam o ouvinte a ter uma atitude relaxada, sem qualquer reação direta e são os seguintes: pretérito perfeito simples, pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito e futuro do pretérito do indicativo.

A repetição de palavras, estruturas sintáticas e conteúdos semânticos provoca uma intensificação da mensagem, contribuindo para que o leitor/ouvinte aceite a orientação argumentativa do escritor/orador. Tem a função de precisar melhor o que foi dito anteriormente e reiterar idéias e argumentos para assim convencer e persuadir o outro. (KOCH, 2000, p. 96) Tem, também, a função de facilitar a compreensão, pois o interlocutor tem tempo para processar a informação. (KOCH, 2004b, p. 83 e 114)

b) Seqüenciação frástica

Na progressão do texto não há procedimentos de recorrência. Os fatores de coesão textual garantem a manutenção do tema, o estabelecimento de relações semânticas e/ou pragmáticas entre segmentos do texto, a ordenação e a articulação de seqüências textuais. (KOCH, 2004b, p. 83)

Para manutenção do tema, são utilizados termos pertencentes a um mesmo campo lexical, isto é, cujos referentes, em termos cognitivos, pertencem a um mesmo *frame*.

Para o estabelecimento de relações semânticas e/ou pragmáticas entre segmentos do texto, utiliza-se o encadeamento de enunciados por justaposição, com ou sem articuladores explícitos, ou por conexão, com a presença de conectores os mais diversos. O encadeamento por conexão assemelha-se ao conceito de junção, de Beaugrande & Dressler.

Devido ao papel da coesão na direção argumentativa do texto, passo a apresentar algumas considerações sobre o assunto.

1.4 ARGUMENTAÇÃO

A arte de convencer e persuadir, conhecida como retórica, surgiu na Grécia em 427 a.C. e era ensinada aos cidadãos pelos sofistas ou sábios. Entre os mais importantes sofistas destacam-se Protágoras e Górgias.

A retórica clássica se baseava na diversidade dos pontos de vista e seu objeto de estudo era discursos políticos, científicos, jurídicos, religiosos, mas, principalmente, o discurso do senso comum. Tal discurso é responsável pela formação da opinião pública e tem o poder de manter o *status quo* vigente, pois é retrógrado, não rompe paradigmas.

Para convencer os atenienses de idéias opostas ao discurso do senso comum, os professores de retórica utilizavam a técnica de criar paradoxos, ou seja, elaboravam discursos que emitiam opiniões contrárias a determinado tema que era consenso na opinião pública.

Atualmente, a retórica está presente nos estudos de ciências como a Linguística, a Semiótica, a Pragmática e a Análise do Discurso. (ABREU, 2003)

A interação social por meio da língua caracteriza-se pela argumentatividade. Comunicar é um ato social interativo dotado de intencionalidade, no qual o emissor não busca apenas transmitir uma informação, mas fazer com que o receptor aceite-a e compartilhe de

suas opiniões. O ser humano está sempre formando juízos de valor e tenta transmiti-los aos outros por intermédio do discurso. Nesse intercâmbio, o orador procura influir sobre as idéias do ouvinte. Koch (2002, p. 17) destaca que “a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo”. Nesse sentido, a autora defende que não existe neutralidade, pois todo texto é argumentativo, uma vez que todos visam a persuadir.

Os estudos sobre os atos de linguagem, ou seja, aquilo que se faz quando se fala, definiram os atos ilocucionários, que se referem à força com que os enunciados são produzidos, e os atos perlocucionários, que se relacionam aos efeitos obtidos pela linguagem, como convencer e persuadir. (KOCH, 2002, p.18)

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 50) esclarecem que o objetivo de toda argumentação é provocar ou aumentar a adesão das pessoas às teses propostas. Uma argumentação eficaz provoca nos ouvintes a ação pretendida ou pelo menos uma disposição para a ação.

Abreu (2003, p. 25) assinala: “Argumentar é a arte de convencer e persuadir”. O ato de convencer relaciona-se à razão, à elaboração de um raciocínio lógico, à apresentação de provas concretas e objetivas. Quando se convence alguém, constrói-se algo no campo das idéias. Entretanto, o ato de persuadir procura atingir o sentimento do outro, sensibilizá-lo para a ação.

É conveniente destacar que todo discurso é construído em função de um auditório. Nesse sentido, o discurso é a argumentação, o orador é aquele que a apresenta e o auditório é aquele a quem o orador quer influenciar com sua argumentação. Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 23) advertem que o conhecimento do auditório é condição prévia de qualquer argumentação eficaz.

Segundo a linha de pensamento de Fairclough (2001), pode-se dizer que o estudo da coesão textual relaciona-se ao estudo da argumentação, já que a construção das ligações coesivas pode orientar o interlocutor para certas conclusões, ou seja, pode levá-lo a crer em algo que foi dito ou a fazer algo que foi proposto.

Sendo o uso da linguagem inerentemente argumentativo, constata-se que determinados enunciados são empregados para orientar o leitor ou ouvinte para certos tipos de conclusão. Isso significa dizer que eles são argumentos para outros enunciados.

São inúmeros os recursos lingüísticos utilizados na argumentação. Koch (2002, p. 164) propõe as seguintes categorias analíticas:

1. Recursos argumentativos presentes no nível lingüístico fundamental (constitutivos do sentido) – retórica integrada:

- 1.1 Tempos verbais: mundo comentado e mundo narrado
- 1.2 Advérbios e expressões atitudinais
- 1.3 Índices de avaliação
- 1.4 Indicadores ilocucionários
- 1.5 Indicadores modais (de modalidade): verbos, advérbios, expressões, torneios sintáticos etc.
- 1.6 Pressuposições
- 1.7 Operadores argumentativos
- 1.8 Índices de polifonia

2. Recursos retóricos ou estilísticos de segundo nível – retórica aplicada (“acrescentada”), decorrentes da aplicação de leis do discurso ou de outros tipos de mecanismos que operam em diferentes níveis de significação:

- 2.1 Ironia e metalogimos em geral
- 2.2 Seleção lexical: oposições, jogos de palavras, metáforas, reiteraões etc.
- 2.3 Interrelacionamento de campos lexicais
- 2.4 Argumentos de autoridade (raciocínio por autoridade)
- 2.5 Questões retóricas
- 2.6 Exclamações retóricas
- 2.7 Comparações
- 2.8 Uso retórico da pressuposição
- 2.9 Apresentação de explicitações ou argumentos que se pretende ressaltar ou sobre os quais se deseja chamar a atenção, sob forma de termos ou orações intercaladas ou acessórias do ponto de vista gramatical
- 2.10 Paralelismo sintático e rítmico (similicadência)

Koch (2002, p. 102) esclarece que os conectivos, morfemas considerados pela gramática tradicional como elementos meramente relacionais, determinam o valor argumentativo dos enunciados, e ela os denomina *operadores argumentativos ou discursivos*. O operador argumentativo por excelência é o “mas”, utilizado quando as sentenças apresentam orientações argumentativas opostas em relação a uma determinada conclusão. E Koch (2002, p. 107) conclui:

Evidencia-se, portanto, que essas instruções codificadas [os conectores], de natureza gramatical, supõem evidentemente um valor retórico da construção, ou seja, um valor retórico – ou argumentativo – da própria gramática. O fato de se admitir a existência de relações retóricas ou argumentativas inscritas na própria língua é que leva a postular a argumentação como o ato lingüístico fundamental.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 178) confirmam essa teoria quando, ao referirem-se às conjunções, dizem que o orador dispõe de amplas possibilidades de ligações entre os elementos de um discurso, as quais produzem modificações nas premissas básicas dos enunciados. O orador será, assim, capaz de guiar o ouvinte, de forma eficaz, para o que quer fazê-lo admitir. A oração sindética estabelece relações precisas entre os elementos de um discurso, sendo, portanto, a construção argumentativa por excelência. Os autores explicam:

O síndeto cria contextos, constitui uma tomada de posição. Ele impõe-se ao leitor, obriga-o a ver certas relações, limita as interpretações que ele poderia levar em consideração. O assíndeto deixa mais liberdade, não parece querer impor nenhum ponto de vista.

Outra forma de construção encontrada no discurso a ser analisado e que, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 274), tem caráter argumentativo é a comparação, onde se confrontam vários objetos para avaliá-los um em relação ao outro. O argumento de

comparação pode manifestar-se pelo uso do superlativo, que indica determinado ser ou objeto como incomparável, único em seu gênero.

Propõem, ainda, os autores o argumento de autoridade, cujo alcance é determinado pelo prestígio do orador. “A palavra de honra, dada por alguém como única prova de uma asserção, dependerá da opinião que se tem dessa pessoa como homem de honra.” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 347)

Recursos textuais coesivos, como a recorrência lexical, a recorrência parcial, o paralelismo e a paráfrase, também podem ter função retórica: repete-se tantas vezes determinada idéia ou argumento que o interlocutor acaba convencido da sua veracidade e aderindo à proposta do orador. Silva (2001, p.64) ressalta que a repetição ou recorrência é “uma tática persuasiva poderosa e uma estratégia coesiva essencial na produção de textos argumentativos escritos”. E Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 164) destacam o fato de a insistência valorizar determinado fato tornando-o familiar, e acrescentam: “Se o estilo rápido é favorável ao raciocínio, o estilo lento é criador de emoção”.

2 ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA

Neste capítulo, tratarei da metodologia adotada para a análise do corpus. Será utilizado o modelo de coesão construído por mim com base nas teorias estudadas no capítulo anterior sobre coesão textual, aliado ao arcabouço teórico da Análise do Discurso Crítica. Ao final, reproduzo na íntegra o discurso do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que constitui o corpus da pesquisa.

2.1 MODELO PROPOSTO PARA ANÁLISE DA COESÃO

Como se pôde perceber, Beaugrande & Dressler, Halliday & Hasan e Ingedore Koch fazem diferentes propostas de categorização dos elementos coesivos de um texto, utilizando nomenclaturas distintas, porém as definições assemelham-se bastante.

Para a análise da coesão do discurso de posse do Presidente Lula no parlatório, estabeleci uma classificação própria. Os mecanismos adotados estão presentes na teoria de todos os autores, embora com denominações diferentes, como foi visto no capítulo 1. Referência é a nomenclatura usada por Halliday & Hasan e Koch; coesão lexical, por Halliday & Hasan; conexão, por Koch; e elipse, por Beaugrande & Dressler, Halliday & Hasan e Koch. Na definição dos tipos de elementos coesivos, considerei o seguinte critério: inclui aqueles citados por todos os autores (pronomes, recorrência ou reiteração, conjunção, elipse), acrescidos de outros considerados complementares àqueles já selecionados, apesar de constarem apenas nos trabalhos de alguns dos autores referenciados (paralelismo, paráfrase, colocação, hiperônimo/hipônimo, nomes genéricos).

Para melhor visualização, elaborei um quadro resumo dos itens coesivos que serão analisados no corpus.

Mecanismos	Tipos
1 – Referência anafórica ou catafórica	. pronomes . pro-verbo . comparações
2 – Coesão lexical	. recorrência lexical . recorrência parcial . paralelismo . paráfrase . colocação . hiperônimo/hipônimo . nomes genéricos
3 – Conexão	. conjunções . locuções conjuntivas
4 – Elipse	

Passo a dar alguns exemplos de cada mecanismo para lembrar ao leitor alguns conceitos já explicitados quando da apresentação da parte teórica.

2.1.1 Referência anafórica ou catafórica

Este item engloba os pronomes demonstrativos, pessoais, possessivos, interrogativos, relativos e indefinidos, além das comparações, que fazem parte do conceito de referência de Halliday & Hasan, do conceito de pro-forma de Beaugrande & Dressler e das formas remissivas gramaticais presas e livres de Koch.

Exemplos:

(1) “Durante a campanha, não fizemos nenhuma *promessa* absurda. *O que* nós dizíamos – e vou repetir agora – é que nós iremos recuperar a dignidade do povo brasileiro [...]”. (linhas 13 a 15)

O pronome demonstrativo “o” é uma referência anafórica, pois estabelece uma ligação coesiva com a palavra “promessa”, presente na frase anterior.

(2) “Como eu tenho uma *agenda* a ser cumprida, eu queria dizer a todos vocês: amanhã vai ser o meu primeiro dia de governo e eu prometo a cada homem, a cada mulher, a cada criança e a cada jovem brasileiro que o meu governo, o Presidente, o Vice e os Ministros trabalharão, se necessário, 24 horas por dia para que a gente cumpra *aquilo* que prometeu a vocês que iria cumprir”. (linhas 40 a 44)

O pronome demonstrativo “aquilo” é uma referência anafórica a “agenda”, ou seja, aos compromissos feitos pelo Presidente com o povo em sua campanha.

A referência comparativa é encontrada em:

(3) “Eu estou convencido de que hoje não existe, no Brasil, nenhum brasileiro ou brasileira *mais conhecedor da realidade e das dificuldades que vamos enfrentar*. Mas, ao mesmo tempo, estou convencido – e quero afirmar a vocês – de que não existe, na face da Terra, nenhum homem *mais otimista do que eu estou*, hoje, e posso afirmar que vamos ajudar este País”. (linhas 25 a 29)

2.1.2 Coesão Lexical

A categoria de coesão lexical é retirada da teoria de Halliday & Hasan, acrescida de elementos propostos por Beaugrande & Dressler e por Koch. Assim, serão listados:

recorrência lexical, recorrência parcial, paralelismo, paráfrase, colocação, hiperônimo/hipônimo e nomes genéricos.

2.1.2.1 Recorrência lexical

Exemplo:

(1) "Nós temos uma *história* construída junto com vocês." (linha 18) e "Eu sou o resultado de uma *história*." (linha 30)

2.1.2.2 Recorrência parcial

Exemplo:

(1) "Eu tenho plena consciência das *responsabilidades* que estou, junto com os meus companheiros, assumindo neste momento histórico da nossa vida republicana" (linhas 7 e 8) e "[...] eu não vacilarei em pedir a cada um de vocês: me ajude a governar, porque a *responsabilidade* não é apenas minha, é nossa, do povo brasileiro, que me colocou aqui." (linhas 78 a 80)

2.1.2.3 Paralelismo

Exemplo:

(1) "[...] porque *isso não está escrito no meu programa. Isso está escrito na Constituição brasileira, está escrito na Bíblia e está escrito na Declaração Universal dos Direitos Humanos.*" (linhas 70 a 72)

2.1.2.4 Paráfrase

Exemplo:

(1) “Antes de mim, companheiros e companheiras lutaram” (linha 20) e “...gerações e gerações que, antes de mim, tentaram e não conseguiram.” (linhas 31 e 32)

As duas frases apresentam o mesmo conteúdo, embora tenham expressões diferentes.

2.1.2.5 Colocação

Exemplo:

(1) “eleição” (linha 30) é o *frame* de “derrotas” (linha 5), “campanha” (linha 13), “promessa” (linha 14), “vitória” (linha 18), “agenda” (linha 40), “faixa” (linha 47), “política” (linha 49), “vencedores” (linha 49), “programa” (linha 70), pois essas palavras pertencem ao mesmo campo significativo.

2.1.2.6 Hiperônimo/hipônimo

Exemplo:

(1) “Roraima, Acre, Amapá, Amazonas, Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, Pernambuco, Sergipe, Brasília, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás” (linhas 53 a 60) é hipônimo de “Brasil” (linha 2), pois os Estados fazem parte do Brasil.

2.1.2.7 Nomes genéricos

Exemplo:

(1) “Quando a *gente* perde, ninguém dá um telefonema [...]”. (linha 50)

2.1.3 Conexão

A categoria conexão engloba as conjunções aditivas, adversativas, alternativas, concessivas, causais, temporais, além das locuções conjuntivas, que fazem parte do conceito de conjunção de Halliday & Hasan, de junção de Beaugrande & Dressler e de conexão de Koch.

Exemplos:

(1) “*E* isso nós vamos fazer juntos.” (linha 72)

O conector é uma conjunção aditiva.

(2) “*Mas*, ao mesmo tempo, tenho a certeza e a convicção de que nenhum momento difícil...”. (linha 9)

O elemento coesivo é uma conjunção adversativa.

(3) “*Quando* a gente perde, ninguém dá um telefonema para a gente...”. (linha 50)

O termo grafado em itálico é uma conjunção subordinada temporal.

2.1.4 Elipse

O último item é um elemento coesivo analisado por todos os autores.

Exemplo:

- (1) “Entretanto, para chegar aqui, nós perdemos quatro eleições: uma para Governador e três para Presidente da República.” (linhas 47 a 49)

2.2 ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA

A Análise do Discurso Crítica propõe uma dimensão crítica à análise de textos e um método para descrever e interpretar a linguagem no contexto social e histórico. Um dos seus objetivos é analisar e revelar o papel do discurso na produção, na reprodução ou na transformação das relações de poder e de dominação. Entende-se como dominação “o exercício do poder social por elites, instituições ou grupos, que resulta em desigualdade social, onde estão incluídas a desigualdade política, a desigualdade cultural e que deriva da diferenciação e discriminação de classe, de raça, de sexo e de características étnicas”. (PEDRO, 1997, p.25)

Com base nessa teoria, Chouliaraki e Fairclough (1999) propõem o seguinte arcabouço de análise, que será adotado por mim:

1. Identificação de um problema.
2. Obstáculos a serem vencidos:
 - (a) análise da conjuntura;
 - (b) análise da prática da qual o discurso é um momento:
 - (i) prática relevante?

(ii) relação do discurso com outros momentos?

- discurso como parte da atividade
- discurso e reflexividade

(c) análise do discurso:

(i) análise estrutural: ordem do discurso

(ii) análise interacional

- análise interdiscursiva
- análise lingüística e semiótica.

3. Função do problema na prática.

4. Possíveis modos de ultrapassar os obstáculos.

5. Reflexão sobre a análise.

De acordo com Chouliaraki e Fairclough (1999), o esquema acima é bastante complexo e essa complexidade é necessária para operacionalizar a posição teórica dos autores. Para certos propósitos, o analista focalizará seus estudos em algumas partes do arcabouço em detrimento de outras, podendo reduzi-lo de várias formas conforme os diferentes objetivos. Ele deve ser avaliado pela capacidade de produzir uma análise teórica fundamentada em uma série de casos.

Passo a tratar das fases da análise, apresentando os conceitos dos itens citados no arcabouço que considere pertinentes a esta pesquisa, acrescentando exemplos do discurso do Presidente Lula para ilustrá-los.

2.2.1 Análise da conjuntura

De acordo com a Análise do Discurso Crítica, a vida social é feita de práticas que constituem nossa rotina, nosso modo habitual de realizar ações. As práticas são construídas na vida em sociedade e são formas de interação social. A análise das práticas sociais nas quais o discurso se localiza oferece uma visão do contexto sócio-histórico. Conjunturas são reuniões

relativamente duráveis de pessoas, materiais, tecnologias e práticas em torno de projetos sociais específicos. Analisar a conjuntura é analisar a configuração das práticas nas quais o discurso em foco se localiza. As conjunturas podem ser mais ou menos complexas em termos do número e tipo de práticas que unem e podem ser mais ou menos extensas em relação ao tempo e ao espaço social.

O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva toma posse no dia 1º de janeiro de 2003 após uma votação inédita – nunca um presidente brasileiro havia recebido tantos votos –, marcando um momento histórico no País. O primeiro representante da Esquerda a chegar à Presidência da República é um operário metalúrgico, que saiu do sertão nordestino para São Paulo num pau-de-arara e teve uma vida marcada pelas dificuldades. Sua história reflete a de milhões de brasileiros que diariamente lutam para sobreviver.

Após três derrotas – em 1989, 1994 e 1998 –, Lula é eleito para romper a hegemonia das elites no poder e reduzir as desigualdades no País.

2.2.2 Análise da prática da qual o discurso é um momento

Uma prática reúne diferentes elementos, como atividades, pessoas, recursos semióticos e lingüísticos, crenças e valores, formando os momentos.

O corpus constitui-se de um discurso oficial do Chefe do Executivo proferido em sua posse. É uma prática relevante, um ato formal que faz parte do ritual de eventos dessa natureza. A mídia nacional e a internacional estavam presentes, pois o acontecimento foi divulgado em todo o mundo. A política é uma prática social na qual a linguagem tem papel de destaque e, portanto, o discurso é parte fundamental.

2.2.3 Análise do discurso

A análise do discurso envolve a análise estrutural, localizando o texto em relação à ordem de discurso e especificando a que gêneros, discursos e vozes ele recorre, e a análise dos recursos lingüísticos.

O discurso do Presidente Lula se situa na ordem de discurso político, apresentando uma orientação argumentativa típica do gênero da persuasão. A voz é a do político do Partido dos Trabalhadores, que está construindo sua identidade como Presidente da República.

Para análise dos recursos lingüísticos, Fairclough (2001) adota sete itens a serem observados: vocabulário, gramática, coesão, estrutura textual, força, coerência e intertextualidade.

A análise do **vocabulário** refere-se ao significado político e ideológico dos léxicos escolhidos, ao sentido das palavras e às metáforas utilizadas. No discurso de posse do Presidente, um exemplo é a escolha de palavras como “democracia” e “liberdade”, conquistas recentes do povo brasileiro e por isso tão valorizadas.

Em relação à **gramática**, são observados os modelos e as estruturas das orações atentando para a construção de identidades sociais, relações sociais e conhecimento e crença. No discurso do Presidente constata-se uma série de orações construídas com o verbo na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, o que imprime força retórica ao texto e uma certa autoridade, típica das afirmações categóricas.

Quanto à **coesão**, Fairclough não considera os marcadores coesivos de superfície uma simples propriedade objetiva do texto, mas algo que deve ser interpretado como parte do processo de construção textual, pois os produtores do discurso estabelecem relações coesivas

de tipos particulares. Nesses termos, a coesão pode tornar-se um modo significativo de trabalho ideológico.

As maneiras com que os elementos são combinados podem ampliar a percepção do leitor ou ouvinte sobre determinados sistemas de conhecimento e crença e sobre as relações sociais encontradas em um texto. Dessa forma, determinadas relações podem ser estabelecidas na estrutura argumentativa de um discurso com o objetivo de persuadir o outro a aceitar o que está sendo dito.

A **estrutura textual** diz respeito ao planejamento de um texto. A maneira e a ordem em que seus elementos são combinados podem ampliar a percepção de um determinado sistema de conhecimento e crença e das relações sociais ali representadas.

A **força** dos enunciados depende dos tipos atos de fala – promessas, pedidos, ameaças – por eles constituídos. A posição seqüencial no texto é um poderoso preditor de força. Portanto, o contexto é importante para se interpretar a força de um enunciado. O discurso do Presidente Lula é marcado por promessas de cumprimento das metas da campanha e por pedidos ao povo para auxiliá-lo nessa tarefa e envolver-se em seu programa de governo.

A **coerência** refere-se à forma como o texto faz sentido e à relevância dos dados apresentados.

A **intertextualidade** é a característica dos textos de serem formados de fragmentos de vários textos. Ao interpretar um discurso, o analista crítico busca em sua memória diversos textos relacionados ao contexto. Considero que, no discurso, o conhecimento compartilhado é uma forma de intertextualidade, pois nos remete a dados históricos conhecidos por meio de textos publicados na imprensa. Para analisar o discurso de

Lula, por exemplo, foi necessário recorrer ao conhecimento prévio de sua vida política, de suas origens, da história da Esquerda no País.

A análise mais detalhada desses aspectos será feita no capítulo 3.

2.3 O CORPUS

O corpus é constituído pelo discurso de posse proferido pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no parlatório, em 1º de janeiro de 2003.

Para facilitar a localização dos exemplos citados no decorrer do trabalho, as linhas foram numeradas e os elementos coesivos foram grafados em itálico.

Segue, abaixo, o texto na íntegra.

(1)Meus companheiros e minhas *companheiras*, Excelentíssimos Senhores Chefes de (2)Estado presentes nesta solenidade, Trabalhadores e *trabalhadoras* do meu Brasil, meu querido (3)*companheiro* José Alencar, meu Vice-Presidente da República, minha *companheira querida*, (4)Dona Marisa, esposa do José Alencar, minha *querida esposa Marisa que, juntos*, já (5)partilhamos muitas *derrotas* e, *por isso*, hoje, estamos realizando um sonho *que não é meu*, (6)*mas* um *sonho* do povo deste País, *que* queria *mudança*.

(7)Eu tenho plena consciência das responsabilidades *que* estou, *junto* com os meus (8)*companheiros*, assumindo *neste momento histórico* da nossa vida republicana.

(9)*Mas*, ao mesmo tempo, tenho a certeza e a convicção de *que nenhum momento* (10)*difícil*, nessa trajetória de quatro anos, irá impedir *que eu faça as reformas que o povo* (11)brasileiro precisa *que* sejam *feitas*.

(12)*Em nenhum momento* vacilarei em cumprir cada palavra *que* José Alencar e
(13)eu assumimos durante a campanha. *Durante a campanha*, não fizemos nenhuma
(14)*promessa* absurda. *O que* nós dizíamos – e eu vou repetir agora – *é que* nós iremos
(15)recuperar a dignidade do *povo brasileiro*, *recuperar a sua* auto-estima e gastar cada
(16)centavo *que* tivermos que *gastar*, na perspectiva de melhorar as condições de vida de
(17)*mulheres, homens e crianças que* necessitam do Estado brasileiro.

(18)*Nós* temos uma história construída junto com vocês. A nossa *vitória* não foi o
(19)*resultado* apenas de uma *campanha que* começou em junho deste ano e terminou dia 27
de (20)outubro. *Antes de mim, companheiros e companheiras* lutaram. *Antes do PT,*
(21)*companheiros e companheiras* morreram neste *País*, *lutando* por conquistar a
(22)democracia e a liberdade.

(23)Eu apenas tive a graça de Deus de, *num momento histórico*, ser o porta-voz
(24)dos anseios de *milhões e milhões de brasileiros e brasileiras*.

(25)Eu estou convencido de *que* hoje não existe, no *Brasil*, nenhum *brasileiro ou*
(26)*brasileira mais conhecedor da realidade e das dificuldades que* vamos enfrentar. *Mas*, ao
(27)mesmo tempo, estou convencido – e quero afirmar a vocês – de que não existe, na face da
(28)Terra, nenhum homem *mais otimista do que eu* estou, hoje, e posso afirmar *que* vamos
ajudar (29)este *País*.

(30)Eu não sou o *resultado* de uma *eleição*. Eu sou o *resultado* de uma *história*.
(31)Eu estou concretizando *o sonho* de *gerações e gerações que, antes de mim*, tentaram e
(32)não conseguiram.

(33)O meu papel, neste instante, com muita humildade, *mas também* com muita
(34)serenidade, é dizer a vocês que eu vou fazer *o que* acredito que o *Brasil* precisa que seja
feito (35)nestes quatro anos. Cuidar da educação, cuidar da saúde, fazer a reforma agrária,

cuidar da (36)previdência social e acabar com a *fome* neste *País* são compromissos menos programáticos e (37)mais compromissos morais e éticos, *que* eu quero assumir, aqui, nesta tribuna, na frente do (38)*povo*, *que* é o único responsável pela minha vitória e pelo fato de eu estar aqui, hoje, tomando (39)posse.

(40)*Como* eu tenho uma *agenda* a ser cumprida, eu queria dizer a todos vocês:

(41)amanhã vai ser o meu primeiro dia de governo e eu prometo *a cada homem, a cada* (42)*mulher, a cada criança e a cada jovem brasileiro que* o meu governo, o *Presidente, o* (43)*Vice e os Ministros* trabalharão, *se* necessário, 24 horas por dia *para que* a gente cumpra (44)*aquilo que* prometeu a vocês que iria cumprir.

(45)Eu quero terminar agradecendo a esta *companheira*. Eu quero fazer uma (46)homenagem porque hoje nós estamos aqui, Marisa muito bonita, toda elegante, ao lado (47)do marido *dela*, com esta *faixa* com que nós *sonhamos* tanto tempo. *Entretanto*, para (48)chegar aqui, nós perdemos quatro eleições: *uma para Governador e três para Presidente da* (49)*República*. E vocês sabem que a cultura *política* do *Brasil* é só homenagem aos *vencedores*. (50)*Quando* a gente perde, ninguém dá um telefonema para a gente, para dizer: *companheiro*, (51)a *luta* continua. Às vezes, *ela* e eu decidíamos que a *luta* ia continuar, *porque* não havia (52)outra coisa a fazer a não ser continuar a *luta* para chegar aonde nós chegamos.

(53)Eu quero dizer a todos vocês *que vieram de Roraima, do Acre, do Amapá, do* (54)*Amazonas, que vieram de Rondônia, do Mato Grosso, do Mato Grosso do Sul, que* (55)*vieram do Maranhão, do Piauí, do Ceará, que vieram do Rio Grande do Norte, da* (56)*Paraíba, de Alagoas, de Pernambuco, de Sergipe, companheiros* de Brasília, *mas* (57)*também companheiros da Bahia, de Minas Gerais, do Espírito Santo, Rio de Janeiro,* (58)*São Paulo, Paraná e Santa Catarina*; quero dizer inclusive ao *povo* do *Rio Grande do* (59)*Sul*, aos meus irmãos de Caetés, minha grande cidade natal, que se chamava Garanhuns,

(60)aos *companheiros* de *Goiás*: podem ter a certeza mais absoluta de que um *ser humano* pode (61)ter, *quando* eu não puder fazer uma *coisa*, eu não terei nenhuma dúvida de *ser honesto* com o (62)*povo* e dizer que não sei fazer, que não posso fazer e que não há condições. *Mas* eu quero que (63)vocês carreguem também a certeza de que eu, em nenhum momento da minha vida, *faltarei* (64)*com a verdade* com vocês *que* confiaram na minha pessoa para dirigir este *País* por quatro (65)anos. Tratarei vocês com o mesmo respeito *com que* trato os meus filhos e os meus netos, que (66)são as *pessoas* de quem a gente mais gosta.

(67)E quero propor *isto* a vocês: amanhã, estaremos começando a primeira (68)campanha contra a *fome* neste *País*. É o primeiro dia de combate à *fome*. E tenho fé em (69)Deus que a gente vai garantir que todo *brasileiro* e *brasileira* possa, todo santo dia, (70)tomar café, almoçar e jantar, porque *isso não está escrito no meu programa*. *Isso está* (71)*escrito na Constituição brasileira, está escrito na Bíblia e está escrito na Declaração* (72)*Universal dos Direitos Humanos*. *E isso* nós vamos fazer juntos.

(73)*Por isso*, meus *companheiros* e *companheiras*, um abraço especial aos (74)*companheiros* e *companheiras* portadores de deficiência física *que* estão sentados na (75) frente deste parlatório. Meus agradecimentos à imprensa, *que* tanto perturbou a minha (76)tranquilidade nessa campanha e nesses dois meses, *mas* sem *a qual* a gente não iria (77)consolidar a democracia no *País*. Meu abraço aos Deputados, aos Senadores. Meu abraço aos (78)convidados estrangeiros. Digo a vocês que, com muita humildade, eu não vacilarei em pedir (79)a cada um de vocês: me ajude a governar, porque a responsabilidade não é apenas minha, é (80)nossa, do *povo* brasileiro, *que* me colocou aqui.

(81)Muito obrigado, meus *companheiros*, e até amanhã.

3 ANÁLISE TEXTUAL: A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO

Tendo-se em mente que o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, reproduzimos uma ilustrativa metáfora apresentada por Koch (2000, p. 25):

Como um *iceberg*, todo texto possui apenas uma pequena superfície exposta e uma imensa área imersa subjacente. Para se chegar às profundezas do implícito e dele extrair um sentido, faz-se necessário o recurso a vários sistemas de conhecimento e a ativação de processos e estratégias cognitivas e interacionais.

É exatamente isto que faremos agora, iremos mergulhar nas profundezas do texto escolhido, para construirmos um sentido para ele. Será feito um trabalho minucioso, quase uma escavação arqueológica, onde cada peça a ser descoberta é uma palavra e o sítio arqueológico é o texto, que, como o solo, é formado de camadas superficiais e camadas profundas.

A análise do corpus será feita em consonância com o modelo proposto para estudo da coesão, acrescido do arcabouço teórico sobre análise de discurso crítica desenvolvido por Chouliaraki e Fairclough (1999).

Em consonância com a teoria de Halliday & Hasan (1976), será analisada somente a coesão interfrástica, de maior importância para o estudo do texto. Apenas em casos relevantes, serão citados exemplos de coesão entre orações.

Iniciarei a análise do discurso do Presidente Lula, reproduzido no capítulo anterior, examinando o primeiro item do modelo proposto por mim, a referência anafórica ou catafórica. Repito, no entanto, que os itens observados na Análise do Discurso Crítica permearão todo o trabalho.

3.1 REFERÊNCIA ANAFÓRICA OU CATAFÓRICA

O pronome de tratamento “vocês” (linha 18) é uma referência anafórica a “povo brasileiro” (linha 15), que transmite intimidade com a audiência, além de ser uma forma simples de se expressar, típica do orador. Veja-se a frase abaixo:

(1) “Nós temos uma história construída junto com vocês” (linha 18)

O uso do pronome aproxima o Presidente do povo, faz com que todos sintam que fazem parte daquele momento histórico.

A utilização de pro-formas ou referência demonstrativa, onde o pronome substitui toda uma frase que vem posteriormente, numa referência catafórica, aparece na linha 67:

(2) “E quero propor *isto* a vocês: amanhã, estaremos começando a primeira campanha contra a fome neste País”.

Com o uso da catáfora, o Presidente provoca no ouvinte uma expectativa do que será dito, capta sua atenção, para então dar uma informação bastante importante sobre sua agenda de governo, o início da campanha contra a fome.

Outra referência, no caso anafórica, que deve ser ressaltada é a do pronome demonstrativo “isso”, nas linhas 70 e 72:

(3) “E tenho fé em Deus que a gente vai garantir que todo brasileiro e brasileira possa, todo santo dia, tomar café, almoçar e jantar, porque isso não está escrito no meu programa. *Isso* está escrito na Constituição brasileira, está escrito na Bíblia e

está escrito na Declaração Universal dos Direitos Humanos. E *isso* nós vamos fazer juntos”. (linhas 68 a 72)

O pronome substitui a frase “todo brasileiro e brasileira possa, todo santo dia, tomar café, almoçar e jantar”, síntese da campanha contra a fome, reativando o referente, no caso o tema proposto. A utilização de um pequeno vocábulo simplifica a superfície textual encurtando a sentença e facilitando a emissão da mensagem, que tem um sentido de uma predição categórica, devido à associação da afirmação com o verbo no futuro simples.

3.2 COESÃO LEXICAL

O segundo item do modelo proposto a ser analisado é a coesão lexical, com os mecanismos da recorrência, recorrência parcial, paralelismo, paráfrase, colocação, hipônimo/hiperônimo e nomes genéricos.

3.2.1 Recorrência

Verifica-se a recorrência do pronome “eu”, algumas vezes oculto, como elemento de coesão em todo o texto. O uso do sujeito e do presente do indicativo na primeira pessoa do singular, em frases com afirmações categóricas, demonstra a segurança e a determinação do Presidente Lula. Pode-se dizer que é uma forma autoritária de expressão e que o Presidente dá a impressão de que está envolvido pessoalmente com as políticas do governo. A recorrência do pronome “eu” imprime paixão e convicção aos argumentos. Encontramos os seguintes exemplos:

(4) “*Eu* tenho plena consciência das responsabilidades que estou, junto com os meus companheiros, assumindo neste momento histórico da nossa vida republicana.” (linhas 7 e 8)

(5) “Mas, ao mesmo tempo, tenho a certeza e a convicção de que nenhum momento difícil [...] irá impedir que *eu* faça as reformas [...]”. (linhas 9 e 10)

(6) “*Eu* estou convencido de que hoje não existe, no Brasil, nenhum brasileiro ou brasileira mais conhecedor da realidade e das dificuldades que vamos enfrentar.” (linhas 25 e 26)

(7) “[...] são compromissos menos programáticos e mais compromissos morais e éticos, que *eu* quero assumir...”. (linha 36)

(8) “Como *eu* tenho uma agenda a ser cumprida [...]e *eu* prometo a cada homem [...]”. (linhas 40 e 41)

(9) “Mas *eu* quero que vocês carreguem também a certeza de que eu, em nenhum momento da minha vida, faltarei com a verdade com vocês[...]”. (linhas 62 a 64)

(10) “*Eu* não sou o resultado de uma eleição. *Eu* sou o resultado de uma história. *Eu* estou concretizando o sonho de gerações e gerações [...]”. (linha 30)

A transitividade das orações é estudada por Halliday (1994), que define três tipos principais de processos de interpretação funcional: os processos relacionais, os processos mentais e o processo material.

Nos processos relacionais, os verbos marcam uma relação de “ser” entre os participantes envolvidos na oração.

Os processos mentais são cognitivos e as orações contêm verbos que expressam percepção (ver, ouvir), afeição (gostar, temer) e cognição (pensar, entender, conhecer). Há sempre um participante que sente, pensa ou percebe algo.

No processo material, um participante age em direção a um objetivo, faz algo. Há sempre uma resposta à pergunta: o que Fulano faz?

Os parágrafos dos exemplos 4 a 10 iniciam-se com orações transitivas. Os exemplos n.ºs 4 a 9 são frases em que aparecem os processos mentais, pois contêm verbos cujo complemento são substantivos abstratos (consciência, certeza, convicção, compromissos) que expressam sentimentos, pensamentos ou percepções de um participante, no caso, o Presidente Lula. As sentenças referem-se à consciência das responsabilidades assumidas por ele, à certeza e à convicção de que fará as reformas necessárias, à certeza de que está preparado para a função que assume, à vontade de querer assumir compromissos morais e éticos e que todos tenham a certeza de que será honesto. Portanto, o sujeito não executa nenhuma ação, são apenas processos mentais.

No exemplo n.º 10, tem-se o processo relacional, pois se refere ao “ser”, a algo que o sujeito atribui a si mesmo. No caso, o Presidente se define como alguém que tem uma importante história de lutas em defesa dos direitos do povo, enquanto representante da Esquerda, um líder reconhecido nacionalmente, e tal fato o credencia a exercer a Presidência da República.

A recorrência da estrutura das orações é um elemento coesivo utilizado para enfatizar os sentimentos do orador.

Nos exemplos n.ºs 4 a 10, constatamos o predomínio dos tempos verbais do mundo comentado – presente do indicativo, futuro do presente –, que conduzem o ouvinte a uma atitude receptiva tensa, engajada, atenta.

Pode-se encontrar o mecanismo coesivo da recorrência em várias partes do texto, como nos exemplos abaixo:

(11) “Em nenhum momento vacilarei em cumprir cada palavra que José Alencar e eu assumimos *durante a campanha*. *Durante a campanha*, não fizemos nenhuma promessa absurda.” (linhas 12 a 14)

A ênfase é dada à palavra “campanha” que, ao ser repetida, ativa a memória do ouvinte com relação aos tempos do processo eleitoral, no qual o candidato Luiz Inácio Lula da Silva fez várias promessas de que iria mudar o País.

(12) “Nós temos uma *história* construída junto com vocês” (linha 18) e “Eu sou o resultado de uma *história*.” (linha 30)

A recorrência da palavra “história” remete o ouvinte a um conhecimento prévio da vida do Presidente para que possa construir o sentido que o texto implica. O Presidente quer dizer que foi eleito devido à sua história de lutas pelos direitos do trabalhador e pela igualdade social, enquanto Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Paulo, por ter fundado o Partido dos Trabalhadores, participado da fundação da Central Única dos Trabalhadores, ter sido um dos líderes do movimento das Diretas-Já, para eleição do Presidente da República pelo voto direto. Portanto, Lula pode afirmar não ser resultado de apenas um momento, de uma eleição, mas sim de toda uma vida construída junto com o povo pela luta do direito à plena cidadania.

(13) “Cuidar da educação, cuidar da saúde, fazer a reforma agrária, cuidar da previdência e acabar com a *fome neste País* são compromissos [...]” (linhas 35 e

36) e “[...] amanhã, estaremos começando a primeira campanha contra a *fome neste País*”. (linhas 67 e 68)

A campanha contra a fome é o ponto forte da campanha do Presidente, tanto que, no dia de sua posse, afirmou que, se conseguisse atingir somente essa meta do seu governo, a tarefa de sua vida estaria cumprida. Assim, a recorrência do tema faz parte da linha argumentativa do orador que procura obter a adesão do ouvinte às suas idéias.

(14) “Eu apenas tive a graça de Deus de, num momento histórico, ser o porta-voz dos anseios de *milhões e milhões* de brasileiros e brasileiras.” (linhas 23 e 24)

A recorrência se traduz no reforço da afirmação e na intensificação de um número que por si só transmite a idéia de uma multidão, conferindo um tom retórico à expressão. Essa estratégia faz parte da construção de sentido do texto que leva o interlocutor a legitimar o Presidente por ter sido eleito em votação tão expressiva.

(15) “[...] estamos realizando um sonho que não é meu, mas um sonho do *povo* deste País, que queria mudança.” (linhas 5 e 6)

(16) “[...] nenhum momento difícil[...]irá impedir que eu faça as reformas que o *povo* brasileiro precisa que sejam feitas.” (linhas 9 a 11)

(17) “[...] nós iremos recuperar a dignidade do *povo* brasileiro [...]”. (linhas 14 e 15)

A palavra “povo” é utilizada nesses três exemplos e em mais quatro pontos do discurso, sendo um dos vocábulos mais repetidos no texto, já que é a ele que se dirige o orador, é o seu auditório, e é para ele que irá governar.

3.2.2 Recorrência parcial

A continuidade de sentido do texto é garantida pelo uso de termos pertencentes ao mesmo campo lexical e que se repetem várias vezes no transcorrer do discurso, seja pelo mecanismo da recorrência lexical, seja pela recorrência parcial. A recorrência parcial ocorre com palavras dos principais campos lexicais relacionados à prática discursiva do PT. São exemplos: *companheiros* (linhas 1, 8, 20, 21, 57, 60, 73, 75 e 81), *companheiras* (linhas 1, 20, 21, 73, 74), *luta* (linha 51), *lutaram* (linha 20), *lutando* (linha 21), *democracia* (linhas 22 e 77).

Um caso relevante de recorrência parcial, referente ao tema do compromisso do Presidente de realizar as promessas feitas na campanha, são as palavras “responsabilidades” (linha 7), “responsável” (linha 38) e “responsabilidade” (linha 79), que transmitem uma idéia que se vai ampliando em cada passagem. O orador, primeiramente, coloca-se como responsável, juntamente com seu Partido, pelas mudanças a serem feitas no País. Depois, afirma que o povo o elegeu e, portanto, é responsável pela sua posse na Presidência da República e, por isso, deve ajudá-lo nessa tarefa. O Presidente conclama o povo a fazer parte do seu governo, a se comprometer com suas ações e metas.

Os elementos coesivos propiciam que as idéias se desenvolvam com fluidez. A recorrência provoca ênfase dos argumentos e reativa a memória do interlocutor quanto ao que foi dito, contribuindo para que o locutor convença o interlocutor de sua linha argumentativa. A recorrência tem grande valor persuasivo, tendo por função o reforço da argumentação. Apesar de ser mais comumente encontrada nos discursos orais, a recorrência foi utilizada com freqüência no discurso do Presidente devido a sua função argumentativa. Embora seja um texto escrito, foi elaborado para ser lido em um momento solene e, ao ter características de um discurso oral, estreita o canal de comunicação entre o orador e os ouvintes.

3.2.3 Paralelismo

O paralelismo é um outro tipo de ligação coesiva que incrementa a força retórica do texto e dá mais clareza às idéias expostas. A seguir, seguem-se alguns exemplos:

(18) “A nossa vitória não foi o resultado apenas de uma campanha que começou em junho deste ano e terminou dia 27 de outubro. *Antes de mim, companheiros e companheiras lutaram. Antes do PT, companheiros e companheiras morreram* neste País, lutando por conquistar a democracia e a liberdade.” (linhas 18 a 21)

Há pequena diferença de significação entre as sentenças em itálico, mas não existe efetiva progressão de sentido, nenhuma variação que exprima dois conceitos. É uma recorrência que tem valor de insistência, um meio expressivo de intensificação. A forma com que as frases são construídas dá mais eloquência ao texto. O paralelismo enfatiza a mensagem de que houve uma longa história de lutas da Esquerda pela democracia e pela liberdade, anterior a Lula, às quais ele deu continuidade e levaram-no à vitória nas últimas eleições. É significativa a escolha dos verbos “lutar” e “morrer”, pois é uma referência ao período de nossa História em que tantos foram torturados até a morte ou “sumiram” nos porões da Ditadura Militar.

(19) “Eu não sou o resultado de uma eleição. Eu sou o resultado de uma história.”
(linha 30)

Esse é um dos trechos com mais força retórica no texto, não só pelo seu conteúdo, mas pelo uso do paralelismo e da recorrência lexical. O Presidente afirma categoricamente que assume a Presidência da República porque tem uma história que o legitima, idéia que se repete no discurso e é construída de forma a que o povo acredite em sua capacidade de governar.

3.2.4 Paráfrase

Nas frases a seguir encontramos um exemplo de paráfrase:

(20) “[...] estamos realizando um sonho que não é meu, mas um sonho do povo deste País, que queria *mudança*” (linhas 5 e 6) e “Mas, ao mesmo tempo, tenho a certeza e a convicção de que nenhum momento difícil, nessa trajetória de quatro anos, irá impedir que eu faça as *reformas* que o povo brasileiro precisa que sejam feitas”. (linhas 9 a 11)

Quando se refere às reformas que o povo almeja, o Presidente reforça o argumento de que realiza o sonho de todos pela mudança, que se dará por meio da reforma política, da reforma agrária, da reforma da Previdência Social, da reforma do Judiciário e tantas outras.

Na linha 12, o Presidente afirma:

(21) “Em nenhum momento vacilarei em cumprir cada palavra que José Alencar e eu assumimos durante a campanha. Durante a campanha, não fizemos nenhuma *promessa* absurda”.

A palavra “promessa” é paráfrase de “cada palavra que José Alencar e eu assumimos durante a campanha”. O mecanismo coesivo permite que o mesmo conteúdo seja repetido de forma diferente, dando clareza ao texto e enfatizando a idéia apresentada. Deve-se ressaltar que atos de fala, como as promessas, transmitem força aos enunciados.

Na linha 14, nova paráfrase é construída para enfatizar as promessas feitas pelo Presidente durante a campanha eleitoral:

(22) “O que nós dizíamos – e vou repetir agora – é que nós iremos recuperar a dignidade do povo brasileiro, recuperar a sua auto-estima e gastar cada centavo que tivermos que gastar, na perspectiva de melhorar as condições de vida de mulheres, homens e crianças que necessitam do Estado brasileiro”.

A expressão “o que nós dizíamos” refere-se a “nenhuma promessa absurda” (linha 13) e a “cada palavra que José Alencar e eu assumimos durante a campanha”. (linhas 12 e 13) O parágrafo é construído para destacar as promessas feitas pelo Presidente e reativá-las na memória de seus eleitores.

3.2.5 Colocação

Os fatores de coesão textual podem garantir a manutenção do tema, assegurando a continuidade de sentido do discurso, com a utilização de termos pertencentes ao mesmo campo significativo, um tipo especial de coesão denominado *frame*. A palavra “eleição” (linha 30) é o *frame* de “derrotas” (linha 5), “campanha” (linha 13), “promessa” (linha 14), “vitória” (linha 18), “agenda” (linha 40), “faixa” (linha 47), “política” (linha 49), “vencedores” (linha 49) e “programa” (linha 70). Conhecimentos que fazem parte de um mesmo *frame* são ativados via inferenciação e formam uma cadeia coesiva ao longo do texto.

Para construir um discurso carregado de sentimento e emoção, foram escolhidas palavras de significado afetivo, normalmente adjetivos e substantivos abstratos, que formam o *frame* das características que seriam desejáveis em um político, como dignidade (linha 15), auto-estima (linha 15), otimista (linha 28), humildade (linhas 33 e 78), morais (linha 37), éticos (linha 37), honesto (linha 61), verdade (linha 64), respeito (linha 65). O Presidente utiliza uma linguagem que exprime emoção, para demonstrar seus sentimentos e ficar ainda mais próximo do auditório.

3.2.6 Hiperônimo/hipônimo

Hiperonímia é uma relação de sentido não simétrica estabelecida pela relação de inclusão. Há uma relação hierárquica entre as palavras: umas têm um sentido mais geral e outras têm um sentido particular.

Na linha 17, “mulheres, homens e crianças” é o hipônimo de “povo” (linha 6), que é o hiperônimo, pois um está contido no outro. Essa relação se repete nas linhas 41 e 42, quando o orador se refere a “cada homem, cada mulher, cada criança, cada jovem brasileiro”. Ao especificar as partes que formam o todo, o Presidente enfatiza suas idéias.

Na linha 42, “governo” é o hiperônimo de “o Presidente, o Vice e os Ministros” (linhas 42 e 43), que é o hipônimo.

Nas linhas 53 a 60, “Roraima, Acre, Amapá, Amazonas, Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, Pernambuco, Sergipe, Brasília, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás” é hipônimo de “Brasil” (linha 2), pois os Estados fazem parte do Brasil. Nomeando todos os Estados brasileiros, o Presidente Lula mostra claramente que não esquecerá de ninguém e que todos são importantes para o seu governo.

O uso dos hiperônimos/hipônimos tem um forte apelo argumentativo, pois, ao especificar o nome de cada Estado da Nação ou de cada um dos elementos que compõem o povo brasileiro, o Presidente faz com que todos se sintam prestigiados.

3.2.7 Nomes genéricos

Com a função coesiva de fazer remissão a um elemento da superfície textual, os nomes genéricos aparecem na seguinte frase:

(23) “[...] podem ter a certeza mais absoluta de que um *ser humano* pode ter, quando eu não puder fazer uma *coisa*, eu não terei nenhuma dúvida de ser honesto com o povo e dizer que não sei fazer, que não posso fazer e que não há condições”. (linhas 61 e 62)

“Ser humano” faz remissão ao pronome vocês, enquanto “coisa” retoma a idéia de fazer uma ação em prol do povo.

3.3 CONEXÃO

Outro item proposto pelo modelo refere-se aos conectores. A coesão entre as frases é reforçada pelos mecanismos das locuções conjuntivas e das conjunções, que conferem orientação argumentativa aos enunciados.

Na linha 26, tem-se um dos vários casos de conjunção adversativa ou contração:

(24) “*Mas*, ao mesmo tempo, estou convencido – e quero afirmar a vocês – de que não existe, na face da Terra, nenhum homem mais otimista do que eu estou, hoje, e posso afirmar que vamos ajudar este País”.

No início da frase, a contração é um forte articulador argumentativo. Embora tenha muitas dificuldades a enfrentar, Lula se coloca como a pessoa que tem mais certeza de que é possível superar tudo.

Na linha 75, outro exemplo do uso do conector “mas”:

(25) “Meus agradecimentos à imprensa, que tanto perturbou a minha tranquilidade nessa campanha e nesses dois meses, *mas* sem a qual a gente não iria consolidar a democracia no País”.

No caso, a conjunção adversativa ou contração introduz uma linha argumentativa diferente do enunciado anterior, apresentando o lado positivo da imprensa.

Na linha 47, verifica-se a presença de outra conjunção adversativa ou contração:

(26) “Eu quero fazer uma homenagem porque hoje nós estamos aqui, Marisa muito bonita, toda elegante, ao lado do marido dela, com esta faixa com que nós sonhamos tanto tempo. *Entretanto*, para chegar aqui, nós perdemos quatro eleições [...]”. (linhas 45 a 48)

A conjunção adversativa ou contração estabelece uma relação de oposição, de contraste de argumentos. O orador, na sentença anterior, refere-se ao sonho que se tornou realidade, mas, na outra frase, apresenta as dificuldades por que passou para alcançar aquele objetivo.

Porém, constatam-se dois casos de uso inadequado de conectores, criando um paradoxo semântico:

(27) “[...] minha querida esposa Marisa que, juntos, já partilhamos muitas derrotas e, *por isso*, hoje, estamos realizando um sonho que não é meu, mas um sonho do povo deste País [...]”. (linhas 4 a 6)

A coesão por subordinação entre as duas orações não é adequada, pois não há relação de causalidade entre elas;

(28) “[...] eu não terei nenhuma dúvida de ser honesto com o povo e dizer que não sei fazer, que não posso fazer e que não há condições. *Mas* eu quero que vocês carreguem também a certeza de que eu, em nenhum momento de minha vida, faltarei com a verdade com vocês [...]”. (linhas 61 a 64)

O conector liga dois segmentos com a mesma orientação argumentativa – eu serei honesto e eu não faltarei com a verdade –, função essa que não é reservada à conjunção adversativa.

3.4 ARGUMENTAÇÃO E ASPECTOS IDEOLÓGICOS

Fairclough (2000) ressalta que a linguagem é parte de toda prática social e que a interação sempre envolve comunicação. De acordo com Koch (2002, p.17), “a interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade”.

A análise do discurso do Presidente Lula identificou, até agora, uma série de elementos coesivos que, além de formarem elos de ligação entre as diversas partes do texto, contribuem para a orientação argumentativa dos enunciados. Os mecanismos de recorrência lexical, paralelismo, paráfrase, colocação, hipônimo/hiperônimo, bem como as conjunções, têm função retórica importante, pois enfatizam e intensificam os argumentos apresentados, ativam a memória do leitor com relação a momentos históricos vinculados ao Presidente, estabelecem relações precisas entre os elementos do discurso. Como sugere Fairclough

(2001), os elementos coesivos podem ser intencionalmente combinados para seguirem determinada linha argumentativa.

Nesta unidade, tratarei de aspectos relevantes da construção de sentido ligados à argumentação e à ideologia.

A linguagem é um meio de dominação social, ela legitima relações de poder e, nesse sentido, é ideológica. No texto sob análise, percebe-se que os argumentos são encadeados de forma a legitimarem o poder do Presidente e convencerem o ouvinte de que ele fará um bom governo. Para obter o apoio do povo, o orador afirma, logo no início de seu discurso:

(29) “[...] estamos realizando o sonho do povo deste País que queria mudança”
(linha 5).

Na realidade, esse sonho é de seus eleitores e não de todo o povo brasileiro. Ao universalizar sua proposta, apresentando-a como de interesse de todos, o orador busca a adesão do auditório às suas idéias.

O mesmo ocorre no antepenúltimo parágrafo, quando o Presidente diz que garantir a todos, diariamente, o café, o almoço e o jantar está escrito na Constituição brasileira, na Bíblia e na Declaração Universal dos Direitos Humanos, referências dotadas de conteúdos incontestáveis sob o ponto de vista da legalidade e da solidariedade, portanto poderosos argumentos de autoridade. Dessa forma, tenta persuadir o povo de que suas ações são dignas de apoio.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 166) advertem que, para criar a emoção, é indispensável a especificação. As noções gerais, os esquemas abstratos não atuam muito sobre a imaginação. Os termos concretos têm a capacidade de tornar mais viva a imagem que

evocam. Referindo-se à campanha contra a fome, Lula detalha suas ações utilizando palavras concretas como “café”, “almoço”, “jantar”, que criam imagens na mente do ouvinte capaz de sensibilizá-lo para a proposta.

Nas linhas 60 a 66 tem-se o seguinte trecho:

(30) “[...] podem ter a certeza mais absoluta de que um ser humano pode ter, quando eu não puder fazer uma coisa, eu não terei nenhuma dúvida de *ser honesto com o povo* e dizer que não sei fazer, que não posso fazer e que não há condições. Mas eu quero que vocês carreguem também a certeza de que eu, *em nenhum momento da minha vida, faltarei com a verdade com vocês* que confiaram na minha pessoa para dirigir este País por quatro anos. Tratarei vocês com o mesmo respeito com que trato os meus filhos e os meus netos, *que são as pessoas de quem a gente mais gosta*”.

Verifica-se a utilização do argumento de autoridade, citado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996). A palavra dada pelo Presidente Lula de que será honesto é aceita devido ao seu prestígio, à confiança de 54 milhões de brasileiros que votaram nele, à sua história de grande líder político.

No final do parágrafo, constata-se que o orador esmera-se para conquistar o auditório, mostrando sua solidariedade com ele, transmitindo-lhe sua estima, pois compara-o a pessoas por quem ele tem a maior consideração, o maior carinho, que são seus filhos e netos.

De acordo com Fairclough (2000), ao demonstrar franqueza e um certo grau de envolvimento pessoal, o Presidente revela um estilo de uma pessoa comum e não o de um grande líder político. Essa forma de se expressar aproxima-o do auditório.

O uso do superlativo e da comparação é uma das técnicas de argumentação utilizada pelo orador no trecho abaixo para se qualificar diante dos ouvintes, pois ele se apresenta como superior a todos os outros candidatos à Presidência da República:

(31) Eu estou convencido de que hoje não existe, no Brasil, nenhum brasileiro ou brasileira *mais conhecedor da realidade e das dificuldades* que vamos enfrentar. Mas, ao mesmo tempo, estou convencido – e quero afirmar a vocês – de que não existe, na face da Terra, nenhum homem *mais otimista do que eu* estou, hoje, e posso afirmar que vamos ajudar este País. (linhas 25 a 29)

As expressões grafadas em itálico estabelecem uma relação de referência entre elementos recuperáveis no texto por meio de inferências, pois remete a um conhecimento prévio. Ao se considerar o brasileiro *mais conhecedor da realidade e das dificuldades* do País, o Presidente refere-se à Caravana da Cidadania, viagem que fez, em 1994 e 1995, por todo o Brasil, com o objetivo de conhecer os problemas de cada região e encontrar soluções para eles. A desigualdade social e a miséria foram pontos marcantes dessa experiência que passaram a fazer parte da campanha presidencial.

Os enunciados também apresentam paralelismos em “estou convencido de que hoje não existe” e “estou convencido – e quero afirmar a vocês – de que não existe” e em “no Brasil” e “na face da Terra”, além da recorrência do verbo “afirmar”, que criam uma rede de ligações coesivas que dão força argumentativa a todo o parágrafo.

Na linha 18, o Presidente afirma:

(32) “Nós temos uma história construída junto com vocês”.

O pronome pessoal refere-se a Lula e ao seu Vice-Presidente, José Alencar.

No entanto, sabe-se que José Alencar não faz parte da história de Lula, homem ligado ao movimento sindical e famoso ao se tornar Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC em 1975 e ao criar o PT em 1980. Portanto, parece haver uma tentativa de incluir o Vice-Presidente em uma relação que, na realidade, nunca existiu, para legitimar o poder do Vice-Presidente.

Há predominância de períodos curtos, mais adequados à espontaneidade das manifestações emotivas, amplamente presentes no texto, que dão vivacidade aos argumentos. Como afirma Antônio Suárez Abreu (2003, 25), “persuadir é construir no terreno das emoções, é sensibilizar o outro para agir”. As frases são construídas de forma a se aproximarem da expressão oral, as palavras refletem o mais diretamente possível o espírito do Presidente Lula e produzem no ouvinte sentimentos de segurança, confiança, esperança. Seguem-se os exemplos 33 e 34:

(33) “Em nenhum momento vacilarei em cumprir cada palavra que José Alencar e eu assumimos durante a campanha. Durante a campanha, não fizemos nenhuma promessa absurda.” (linhas 12 a 14)

O Presidente Lula reafirma os compromissos feitos durante a campanha eleitoral. Com isso, transmite confiança aos seus eleitores e estabelece uma relação positiva com eles.

(34) “Nós temos uma história construída junto com vocês. A nossa vitória não foi o resultado apenas de uma campanha que começou em junho deste ano e terminou dia 27 de outubro. Antes de mim, companheiros e companheiras lutaram. Antes do PT, companheiros e companheiras morreram neste País, lutando por conquistar a democracia e a liberdade.” (linhas 18 a 22)

O Presidente é extremamente envolvente, insere o povo naquele momento histórico, faz com que todos se sintam parte dessa vitória. Ao recordar as lutas da Esquerda contra a Ditadura Militar desperta sentimentos profundos como a emoção e o luto pela morte de tantos brasileiros. A luta pela democracia e pela liberdade é um tema que une a todos, permite uma comunhão, pois são valores extremamente importantes ligados ao sentimento de patriotismo e de defesa da Nação. A referência à morte de companheiros e de companheiras nos remete a ideologia predominante na Ditadura Militar na qual se construía um inimigo retratado como perigoso e ameaçador (no caso, os opositores do regime) que deveria ser expurgado.

A referência à biografia de Lula é feita no seguinte trecho:

(35) “Eu não sou o resultado de uma eleição. Eu sou o resultado de uma história. Eu estou concretizando o sonho de gerações e gerações que, antes de mim, tentaram e não conseguiram.” (linhas 30 a 32)

O Presidente ressalta seu passado, mostra-se qualificado para exercer a função, transmitindo mais uma vez confiança para o povo. Lula não está ali devido a uma campanha eleitoral, mas porque durante sua vida opôs-se à política vigente, lutando por mudanças. Ao afirmar que está concretizando o sonho de muitos que já se foram, mais uma vez desperta no povo emoção pela lembrança de tantos que lutaram e morreram pela liberdade no Brasil. E novamente faz uma crítica à ideologia dominante à época da Ditadura Militar, que procurava fragmentar, por meio do expurgo, os grupos considerados ameaçadores à manutenção das relações de dominação, permitindo que pessoas fossem torturadas e mortas. É preciso fazer uma relação entre o discurso e textos anteriores a ele sobre a vida do Presidente para interpretar o sentido desse parágrafo.

Merece destaque a sutil crítica à ideologia dominante encontrada no trecho abaixo:

(36) Durante a campanha, não fizemos nenhuma promessa absurda. O que nós dizíamos – e eu vou repetir agora – é que nós iremos *recuperar a dignidade do povo brasileiro, recuperar a sua auto-estima* e gastar cada centavo que tivermos que gastar, na perspectiva de melhorar as condições de vida de mulheres, homens e crianças que necessitam do Estado brasileiro. (linhas 13 a 17)

Ao afirmar que irá recuperar a dignidade e a auto-estima do povo brasileiro, o orador está pressupondo, considerando como verdade que os brasileiros perderam tais sentimentos e podemos concluir que foi em decorrência das políticas adotadas pelos governos anteriores. O Presidente expõe a ideologia dominante: o povo “aceitou” uma situação que o fez perder sua dignidade e sua auto-estima, pois a elite se legitimou no poder naturalizando as relações de desigualdade. O paralelismo é utilizado para dar maior ênfase à idéia.

Por último, outro exemplo faz referência à ideologia dominante:

(37) “[...] estamos realizando um sonho que não é meu, mas um sonho do povo deste País, que queria *mudança*. (linhas 5 e 6)

Lula representa o rompimento da hegemonia da Direita no poder, o fim da dominação das elites. Simples operário, de origem pobre, passou por privações e sofrimentos no sertão nordestino, foi para São Paulo num caminhão pau-de-arara, foi o representante do trabalhador na luta pelo fim das desigualdades sociais: Lula representa o povo no poder. Foi eleito, porque simbolizava a mudança, tão sonhada pelo povo brasileiro.

CONCLUSÃO

A análise dos elementos coesivos do discurso de posse do Presidente Lula no parlatório foi feita com base nas teorias de Beaugrande & Dressler (1983), Halliday & Hasan (1976) e Ingedore Koch (2004a), acrescida da visão ideológica da coesão que Norman Fairclough (2001) propõe na Teoria Social do Discurso.

Como a análise do discurso comprovou o papel da coesão na orientação argumentativa dos enunciados, uma vez que a construção das ligações coesivas pode influenciar o interlocutor a aceitar determinadas idéias, envolvendo-o racional e emocionalmente, também abordei o tema, seguindo as considerações de Abreu (2003), Koch (2002) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996).

O conceito de coesão foi elaborado com base na teoria de Beaugrande & Dressler (1983) e Halliday & Hasan (1976). Portanto, entendo que a coesão se refere aos modos como os componentes da superfície textual são conectados entre si, expressando a continuidade que existe entre partes do discurso. Essa continuidade é essencial para interpretação do texto.

Identifiquei que, na construção de um texto, são utilizadas estratégias que contribuem para a estabilidade e economia textuais, de modo que estruturas e padrões já utilizados sejam reutilizados ou modificados.

A referência, assim como as pro-formas, simplificam a superfície do texto encurtando as frases e, embora gerem uma perda de definição, podem provocar uma certa expectativa no leitor ou ouvinte quanto ao que vai ser dito, quando usadas cataforicamente.

A recorrência pode servir para reafirmar um ponto de vista, repudiar ou rejeitar determinado argumento, intensificar o conteúdo de uma mensagem ou facilitar a compreensão dando mais tempo para o leitor ou ouvinte processar a informação.

Para manutenção do tema, podem ser associados itens lexicais pertencentes ao mesmo campo significativo.

O uso dos conectores raramente é obrigatório, mas podem ser utilizados pelo autor para impor uma interpretação em particular. A estratégia argumentativa pode ser a de orientar para uma conclusão que será anulada por um outro argumento mais forte com orientação contrária.

A elipse deve ser utilizada com cuidado para que a economia textual não afete a clareza.

Ao descrever a teoria sobre coesão textual, identifiquei as similaridades entre as classificações definidas por cada um dos autores: Beaugrande & Dressler, Halliday & Hasan e Ingedore Koch. A partir daí, foi elaborado um modelo específico para a análise do texto, abrangendo as seguintes categorias: referência anafórica ou catafórica; coesão lexical, incluindo recorrência lexical, recorrência parcial, paráfrase, hiperônimo/hipônimo, colocação, paralelismo e nomes genéricos; conectores e elipse.

Após levantamento e classificação dos itens coesivos do discurso do Presidente Lula, constatei que o texto apresenta uma grande variedade de elementos coesivos, formando uma rede de ligações que nos leva ao conceito de textura formulado por Halliday & Hasan (1976).

Outro método utilizado na interpretação do texto foi a Análise do Discurso Crítica, apresentada por Chouliaraki e Fairclough (1999), que propõe uma dimensão crítica à análise de textos e um método para descrever e interpretar a linguagem no contexto social e histórico.

Em seu discurso de posse, o Presidente Lula pretende transmitir aos seus eleitores esperança de que as tão sonhadas mudanças estão por vir, pois seus votos vieram de mais de

50 milhões de brasileiros que desejavam que se firmasse um pacto social com toda a sociedade para que se retirassem da miséria 54 milhões de pessoas que viviam abaixo da linha da pobreza. Após 13 anos e quatro eleições, tudo indicava que essa hora havia chegado. O povo saiu às ruas para homenageá-lo, com o coração transbordando esperança. Seu discurso deveria ecoar esse sentimento. Para isso, o Presidente construiu um texto com vocábulos que têm um significado afetivo bastante forte, reforçando que cumpriria suas promessas e teria seu mandato marcado pela honestidade. Recursos de coesão textual, como a repetição e o paralelismo, contribuíram para enfatizar essas idéias.

Deve-se destacar que a recorrência é um elemento coesivo típico da expressão oral utilizado com bastante freqüência no discurso de Lula, provavelmente para estreitar ainda mais a relação entre o orador e seu auditório.

A forma com que os elementos foram combinados propiciou o estabelecimento de uma estrutura argumentativa com o objetivo de convencer o ouvinte a aceitar o que estava sendo dito, levá-lo a crer no que lhe estava sendo comunicado. Soma-se a isso o ritmo envolvente, gerado pela associação de períodos curtos e palavras carregadas de emoção, e a forma direta e simples de se expressar do orador. A recorrência das palavras “companheiros” e “companheiras”, típicas da prática discursiva do PT, é um convite a todos os petistas a sentirem-se parte daquele momento. Todos esses recursos coesivos conspiram para convencer e cativar o ouvinte de que há esperança de que seu sonho de mudança será realizado.

Pode-se tirar as seguintes idéias principais de cada parágrafo: consciência das responsabilidades que irá assumir; certeza de que as dificuldades não o impedirão de fazer as reformas; nada o fará vacilar em cumprir as promessas de campanha; a vitória não é resultado de uma campanha, mas da sua história de lutas pelos direitos sociais; convicção de que é o mais conhecedor da realidade e das dificuldades e de que irá ajudar o País; atuação nas áreas de educação, saúde, previdência; proposta de trabalhar muito para cumprir todas as promessas

de campanha; certeza de sua honestidade; proposta da campanha contra a fome, conclamando o povo a ajudá-lo; participação do povo, que também é responsável por sua eleição.

Concluí, assim, que o tom do discurso é de firmeza e segurança. O Presidente está decidido a cumprir as promessas de campanha, a fazer as reformas, e está seguro de que é capaz de fazê-las, pois conhece as dificuldades e a realidade brasileira. Além disso, é honesto, trabalhará muito para isso e tem uma história que o credencia a fazê-lo: menino pobre, que passou fome e acabou se tornando líder do movimento sindical e lutando pelos direitos dos trabalhadores. Essas idéias são transmitidas com o auxílio de elementos coesivos, como a recorrência, a paráfrase, o paralelismo, a referência comparativa, e também com recursos argumentativos como o argumento de autoridade.

A recorrência do pronome pessoal da primeira pessoa do singular sinaliza o compromisso e o envolvimento pessoal do Presidente com as políticas de governo.

Percebe-se também que há uma preocupação com a grande responsabilidade que irá assumir, pois a recorrência do tema aparece de forma bastante significativa. Tendo recebido a maior votação da história e sendo o primeiro Presidente de Esquerda eleito, sabe que o povo espera muitas mudanças – palavra que aparece no início de seu discurso – e, por isso, procura dividir com ele um pouco dessa responsabilidade, conclamando o povo a ajudá-lo.

A proposta da campanha contra a fome é irrecusável, apela ao sentimento do povo quando afirma que é um direito que está na Bíblia e na Declaração Universal dos Direitos Humanos. É um trecho do discurso com muita força retórica, onde se encontra o recurso coesivo do paralelismo associado a argumentos de legalidade e à escolha de termos concretos com o objetivo de criar imagens que provoquem emoções no ouvinte. Não há quem se recuse a ajudá-lo. Assim, consegue o engajamento do povo, que deve dividir com ele a responsabilidade e ser participante de seu governo.

O tom de firmeza, a forma direta de se colocar e a intimidade de tratamento, com a utilização do pronome “vocês”, aproximam-no do povo, criando uma relação mais íntima com seu eleitorado.

Carisma e liderança são características do Presidente evidenciadas em seu discurso. É o pronunciamento de um político eleito para romper a hegemonia das elites no poder e fazer mudanças. Um verdadeiro representante do povo, que se propõe a reduzir significativamente as desigualdades no País.

O levantamento teórico com base nos livros de Beaugrande & Dressler (1983) e Halliday & Hasan (1976), autores clássicos quando se aborda a coesão textual, bem como nos estudos de Koch (2004a), e a análise minuciosa e sistemática dos elementos coesivos do discurso de posse do Presidente Lula demonstraram claramente a importância do exercício da busca de relações entre palavras e frases para melhor interpretação de um texto. A análise da superfície lingüística, do modo como as marcas formais estão dispostas no discurso auxiliam a compreender como ele produz sentidos e quais leituras podem ser feitas. A cada leitura estabelecem-se novas relações de sentido entre o que o orador diz e o que ele não diz, mas está implícito em sua mensagem.

Como assinalam Chouliaraki e Fairclough (1999), é preciso questionar a relação entre práticas, eventos e estruturas sociais. Para compreender e interpretar o discurso de posse do Presidente Lula, foi necessário analisar a complexidade de elementos que existem por trás da linguagem, como crenças, valores, ideologias, contexto social e histórico. Muitas vezes, tive que recorrer ao conhecimento prévio da história do Presidente Lula para compreender de forma mais ampla o sentido que ele queria dar ao texto.

A análise dos aspectos ideológicos demonstra que o Presidente faz uma crítica sutil à ideologia dominante, em que as relações de poder são estabelecidas e sustentadas pela naturalização das desigualdades sociais, postas como um acontecimento natural e não como

resultado de políticas sociais injustas. O orador também se refere à ideologia da Ditadura Militar, que mantinha as relações de dominação por meio da fragmentação dos grupos que desafiavam o regime, construindo uma imagem de inimigos do País que precisavam ser expurgados, ou seja, torturados e mortos. O Presidente se apresenta como o político que irá mudar o Brasil e romper com a ideologia dominante.

Outro ponto a ser destacado é o poder argumentativo dos recursos coesivos. A recorrência de um mesmo item lexical ou de uma expressão, a recorrência de estrutura sintática (paralelismo) e a recorrência de conteúdos semânticos similares (paráfrase) têm função retórica, pois intensificam o que foi anteriormente anunciado, reiterando idéias e argumentos para obter a concordância do interlocutor, vencendo-lhe a resistência. Os conectores (conjunções e locuções conjuntivas) estabelecem amplas possibilidades de ligação entre os elementos de um discurso, produzindo modificações nas premissas básicas dos enunciados. A conjunção limita as interpretações que o ouvinte ou leitor poderia levar em consideração, pois confere orientação argumentativa às orações.

Essas reflexões demonstram a necessidade de se ter consciência de que os elementos de um texto estão organizados de forma a persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado, pois em cada discurso uma ideologia é manifestada. Ler, portanto, é uma atividade que requer análise profunda e desenvolvimento de uma visão crítica dos temas apresentados, sob pena de o leitor ser facilmente manipulado pelo produtor do texto. Esse é o poder ali contido, pois, sabendo argumentar, o orador é capaz de fazer com que os outros aceitem a ideologia dominante mesmo que ela lhes desfavoreça. Recordo a citação de Foucault (2004, p. 10): “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Antônio Suárez. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. 6.ed. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BEAUGRANDE, Robert-Alain de; DRESSLER, Wolfgang U. *Introduction to text linguistics*. London, New York: Longman, 1983.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. *New labour, new language?* London, New York: Routledge, 2000.

FÁVERO, Leonor L. *Coesão e coerência textuais*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1992.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. 2.ed. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. *Cohesion in english*. London: Longman, 1976.

KOCH, Ingedore G. V. *A coesão textual*. 19.ed. São Paulo: Contexto, 2004a.

_____. *Introdução à lingüística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. *Argumentação e linguagem*. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PEDRO, Emília (Org.). *Análise do discurso crítica*. Lisboa: Caminho Editorial, 1997.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SILVA, Denize Elena Garcia da. *A repetição em narrativas de adolescentes: do oral ao escrito*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SAVIOLI, Francisco P.; FIORIN, José L. *Manual do candidato: português*. 2.ed. Brasília: FUNAG, 2001.

DISCURSODOPRESIDENTELULA.Disponívelem:http://www.feranet21.com.br/acontecimentos/política/Lula_a%20posse.htm Acesso em: 17 maio 2005.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Antônio Suárez. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. 6.ed. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BEAUGRANDE, Robert-Alain de; DRESSLER, Wolfgang U. *Introduction to text linguistics*. London, New York: Longman, 1983.

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA. Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento. *Normas para elaboração de monografias dos cursos de pós-graduação lato sensu*. Brasília, 2005.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. *New labour, new language?* London, New York: Routledge, 2000.

FÁVERO, Leonor L. *Coesão e coerência textuais*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1992.

FÁVERO, Leonor L.; ANDRADE, Maria Lúcia C.V.O.; AQUINO, Zilda G.O. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. 2.ed. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. *Cohesion in english*. London: Longman, 1976.

KOCH, Ingedore G. V. *A coesão textual*. 19.ed. São Paulo: Contexto, 2004a.

_____. *Introdução à lingüística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. *Argumentação e linguagem*. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LEAL, Maria Christina Diniz. O discurso jornalístico sobre privatizações e protestos nas ruas. *D.E.L.T.A.: revista de documentação de estudos em lingüística teórica e aplicada*. São Paulo, v. 21, especial, p. 73-92, 2005.

_____. Identidade, reflexividade e resistência. *Crop*. São Paulo, n. 9, p. 249-278, 2003.

MAGALHÃES, Izabel. Introdução: a análise de discurso crítica. *D.E.L.T.A.: revista de documentação de estudos em lingüística teórica e aplicada*. São Paulo, v. 21, especial, p. 1-9, 2005.

MARTINS, Nilce Sant'anna. *Introdução à estilística*. 3.ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

MEDEIROS, João Bosco. *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2003.

MEY, Jacob L. *As vozes da sociedade*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

PEDRO, Emília (Org.). *Análise do discurso crítica*. Lisboa: Caminho Editorial, 1997.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PRETI, Dino (Org.). *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.

SILVA, Denize Elena Garcia da. *A repetição em narrativas de adolescentes: do oral ao escrito*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SAVIOLI, Francisco P.; FIORIN, José L. *Manual do candidato: português*. 2.ed. Brasília: FUNAG, 2001.

THOMPSON, Jonh B. *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

DISCURSODOPRESIDENTELULA. Disponível em: http://www.feranet21.com.br/acointecimentos/política/Lula_a%20posse.htm Acesso em: 17 maio 2005.